

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - MG

Instituto de Ciências da Natureza

Curso de Geografia – Bacharelado

João Vitor de Freitas



**MIGRAÇÃO INTERNACIONAL E TERRITÓRIO:
CONTRIBUIÇÃO INICIAL SOBRE A PRESENÇA
HAITIANA EM ANDRADAS (MG)**

Unifal
Universidade Federal de Alfenas

Alfenas - MG

2021

João Vitor de Freitas

**MIGRAÇÃO INTERNACIONAL E TERRITÓRIO:
CONTRIBUIÇÃO INICIAL SOBRE A PRESENÇA
HAITIANA EM ANDRADAS (MG)**

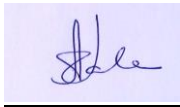
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de **Bacharel** em Geografia pelo Instituto de Ciências da Natureza da Universidade Federal de Alfenas - MG, sob orientação do Prof. Dr. Gil Carlos Silveira Porto.

Alfenas – MG
2021

Banca Examinadora

Gil Carlos Silveira Porto

Prof. Dr. Gil Carlos Silveira Porto (UNIFAL-MG) - Orientador



Prof.(a) Dr^a Ana Rute do Vale (UNIFAL-MG)

Prof. Dr. Sérgio Henrique de Oliveira Teixeira (IFSULDEMINAS)

Alfenas (MG), 07/02/2022

“As ações são realizadas por sujeitos agentes que representam interesses de toda ordem, constituindo lugares onde a política decide sobre a vida e a morte das pessoas.”

Maria Adélia de Souza (2021)

Aqui, dedico este trabalho a meu pai, que mesmo com sua partida, sempre foi e sempre será a pessoa da qual eu mais admiro.

Agradecimentos

Agradeço a Universidade Federal de Alfenas e aos professores que sempre mantiveram uma qualidade de ensino exemplar, abrindo portas para o conhecimento geográfico. Agradeço a minha família, que sempre me apoiou em minha escolha e tornou possível que eu seguisse meu sonho. Agradeço também aos meus amigos, tanto amigos de infância quanto aos que fiz durante a graduação, que tiveram sempre um papel importante para minha formação, assim como minha namorada Giovanna, a qual sempre esteve ao meu lado. Em especial, agradeço a meu pai, que nunca deixou de mostrar o quanto me apoiava e se sentia orgulhoso de minhas escolhas, sendo para sempre a pessoa a qual me inspira a ser cada vez melhor.

Resumo

Essa pesquisa tem como intuito discutir a vinda dos imigrantes haitianos para o Brasil, como a dinâmica espacial se alterou, e conseqüentemente, a maneira com que o território é ocupado. No município de Andradadas (MG), os haitianos vêm se concentrando e trazendo suas famílias desde o terremoto que devastou o Haiti em 2010. Dessa forma, o estudo desse fluxo migratório nos auxilia a compreender de que maneira é feito o uso do território por esses imigrantes haitianos. Para realização dessa pesquisa foi utilizado a revisão da literatura acerca da migração para o Brasil, tanto das motivações da migração até os principais grupos migratórios para o país, buscando compreender da melhor maneira possível a questão migratória, e, foi feita interlocução com diferentes autores, entre eles Santos & Silveira (2003), Souza (2021) e Porto (2021) para discutir a questão do uso do território por esses imigrantes haitianos. Embora não tenha sido possível realizar o trabalho de campo como programada por conta da pandemia do COVID-19, foi possível compreender na realização deste trabalho, como o uso do território pelos imigrantes haitianos está diretamente ligado às políticas adotadas pelo município e pelo próprio país, no uso do território como recurso, assim como as maneiras que os imigrantes haitianos usam do território, através da tentativa de uso como abrigo.

Palavra-chave: Haitianos; uso do território; Andradadas; migração.

Abstract

This research aims to discuss the arrival of Haitian immigrants to Brazil, how the spatial dynamics changed, and, consequently, the way in which the territory is occupied. In the municipality of Andradas (MG), Haitians have been concentrating and bringing their families since the earthquake that devastated Haiti in 2010. Thus, the study of this migratory flow helps us to understand how these people use the territory. Haitian immigrants. To carry out this research, a review of the literature on migration to Brazil was used, both from the reasons for migration to the main migratory groups to the country, seeking to understand the migration issue in the best possible way, and dialogue between Santos & Silveira (2003), Souza (2021) and Porto (2021) to discuss the issue of the use of territory by these Haitian immigrants. Although it was not possible to carry out the fieldwork as scheduled due to the COVID-19 pandemic, it was possible to understand in this work how the use of the territory by Haitian immigrants is directly linked to the policies adopted by the municipality and the country itself, in the use of the territory as a resource, as well as the ways that Haitian immigrants use the territory, through the attempt to use it as a shelter.

Keywords: Haitians; use of the territory; Andradas; migration.

Lista de ilustrações

Figura 01 – Variação do número de imigrantes no Brasil de acordo com seu país de origem.....	49
Figura 02 – Variação de imigrantes no Brasil por nacionalidade - 2014, 2010 e 2000.....	53
Figura 03 – Localização do Haiti.....	58
Figura 04 – Diáspora Haitiana entre o Início do Século XX e 1980.....	60
Figura 05 – Mapa do local de origem no Haiti dos imigrantes residentes em São Paulo.....	63
Figura 06 – Pirâmide Etária de Imigrantes no Estado de Minas Gerais (MG).....	68
Figura 07 – Território Usado de Acordo com Milton Santos.....	74
Figura 08 – Celebração do Dia das Mães pelos imigrantes haitianos em Andradas (MG).....	82
Figura 09 – Emanuel Neleveil e Ciane Censi colhendo o feijão Guandu.....	83

Lista de quadros

Quadro 01 – Os Quatro grupos de <i>dekasseguis</i> no Japão.....	31
Quadro 02 – Os Três Temas Referentes à Migração Internacional.....	35
Quadro 03 – Vantagens da Migração Para os Países de Origem e de Destino.....	42

Lista de tabelas

Tabela 01 – Estoque de estrangeiros segundo país de nascimento - Brasil, 2000 e 2010.....	52
Tabela 02 – Haitianos com vínculo formal de trabalho no Brasil entre os anos de 2011 e 2015.....	66

Lista de Mapas

Mapa 01 – Localização Geográfica do Município de Andradas (MG).....	17
--	----

Lista de siglas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Unifal-MG – Universidade Federal de Alfenas

MTCI - Meio Técnico Científico Informacional

OBMIGRA - Observatório de Migrações Internacionais

RAIS - Relação Internacional de Informações Sociais

CEPAL - Comissão Econômica para América Latina e Caribe

PPGEO - Programa de Pós-graduação em Geografia

ANTV - Andradas TV

Sumário

Lista de ilustrações.....	9
Lista de quadros	10
Lista de tabelas.....	11
Lista de Mapas.....	12
Lista de siglas.....	13
1 INTRODUÇÃO.....	16
2 CONDICIONANTES DO FENÔMENO MIGRATÓRIO: REFLEXÕES INICIAIS.....	21
2.1 Enfoques da Migração Internacional.....	25
2.2 O Brasil no Contexto da Migração Internacional.....	44
3 QUADRO GERAL DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL PARA O BRASIL E A CHEGADA DOS HAITIANOS	47
3.1 Formação Socioespacial Haitiana e Migração.....	54
3.2 Chegada dos Haitianos no Brasil	61
4 A INSERÇÃO DE IMIGRANTES HAITIANOS EM ANDRADAS (MG) E A QUESTÃO DO USO DO TERRITÓRIO.....	69
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	89

6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	91
----------	--	-----------

1 INTRODUÇÃO

A migração é um fenômeno recorrente na história do mundo. Desde os primórdios da humanidade, os seres humanos migram por diferentes motivos, sempre relacionados a suas condições de vida, tanto pessoalmente quanto às questões que lhe são impostas. Atualmente, os fluxos migratórios se alternam e se modificam, devido às dinâmicas do mundo globalizado e do Meio Técnico Científico Informacional (SANTOS, 2000).

Um ângulo desses fluxos migratórios é o que vem acontecendo na fronteira entre Estados Unidos e México. As políticas externas adotadas pelo governo de Donald Trump (como a construção do muro dividindo os países e a implementação de leis mais rigorosas para contenção da migração mexicana), são um resultado de como a migração é lidada por muitos países, principalmente os países hegemônicos.

Cada vez mais as políticas se tornam rigorosas e tendem a controlar o fluxo migratório, dificultando assim a migração para certos países. No contexto da Globalização, os mesmos países que dificultam a entrada de migrantes são aqueles que utilizam mão de obra estrangeira para acúmulo de capital. Isso acaba impulsionando questões como a xenofobia, onde a falta de políticas que acolham esses imigrantes cria na população um sentimento de aversão ao estrangeiro.

A migração haitiana não é uma exceção nessa dinâmica. Cada vez mais o fluxo de imigrantes haitianos para o Brasil e outros países da América aumentou, mostrando assim um crescente fluxo migratório, tanto na América Latina quanto nas cinco macrorregiões brasileiras. Porém, as dificuldades enfrentadas por esses imigrantes haitianos no processo migratório vão muito além somente do trajeto e do alto custo apresentado pelo mesmo, pois envolvem questões como preconceito (principalmente racismo e xenofobia), assim como a dificuldade de inserção no país de destino.

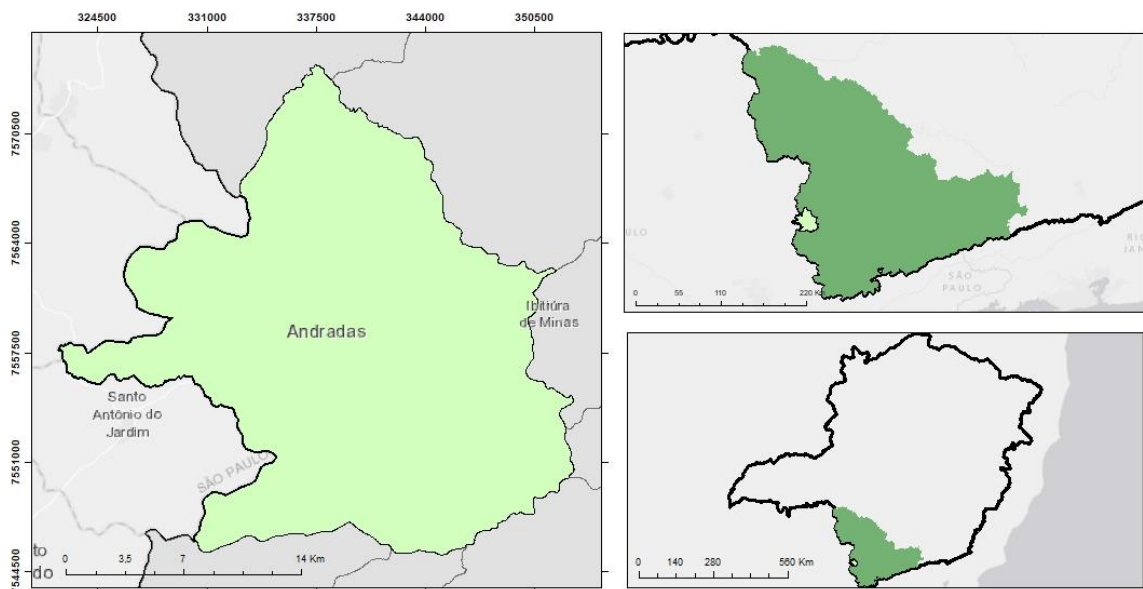
Dessa forma, a tentativa de migração pelos haitianos se dá tanto de maneira legal (com trajeto feito de maneira legal e documentação) quanto de maneira ilegal, pois aqueles que não tem acesso a uma migração dita segura devido a uma má condição financeira, acabam entrando de maneira ilegal no país. Quando analisamos essas tentativas, compreendemos que o próprio governo acaba muitas vezes dificultando o trajeto migratório desses haitianos.

Dessa forma, a questão do uso do território está diretamente atrelada a migração, mas de que modo? Essa ligação entre migração e uso do território acontece, pois os imigrantes haitianos, assim como os brasileiros, são agentes que usam o território do Brasil para diversas

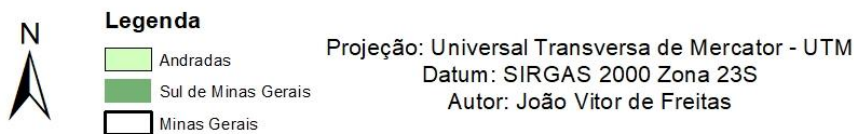
funções, como trabalho, lazer, entre outros. Portanto, é praticamente impossível tentar entender o uso do território de Andradas (MG) no período atual, por exemplo, sem levar em conta os imigrantes haitianos que lá habitam.

Cabe falarmos também sobre o município de Andradas (MG), que fica localizado na microrregião de Poços de Caldas, integrando a mesorregião Sul/Sudeste de Minas. Assim, ela faz parte dos 155 municípios localizados nesse recorte regional, fazendo divisa com o estado de São Paulo. O Mapa 01 permite ilustrar de uma melhor maneira sua localidade geográfica.

Mapa 01 - Localização Geográfica do Município de Andradas (MG)



Localização de Andradas (MG)



Autor: João Vitor de Freitas. **Fonte:** IBGE, 2010.

De acordo com dados fornecidos pelo IBGE (2010), a pirâmide demográfica do município é predominantemente jovem, com idades entre 20 e 29 anos. Ainda de acordo com IBGE (*idem*), dos 37.270 habitantes de Andradas, 28.026 estão na parte urbana e 9.244 na parte rural do município. Também, a população negra no município totaliza 1.064 habitantes, enquanto a população branca se dá com 29.611 habitantes.

Ainda de acordo com o Portal de Andradas, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município em 2010 era de 0,734, considerado próximo de alto (0,800 - 1). Também

o índice de Gini (medidor de desigualdade de renda domiciliar por indivíduo), era de 0,44 (sendo o máximo 1). Outro dado importante é sobre a pobreza. Em 2010 o índice de pobreza no município era de 13,64% (considerado baixo).

Um bom parâmetro para compreendermos esse dado é analisarmos o IDH de São Paulo, que é de 0,805 (2010). A proximidade de valores com a cidade de São Paulo nos permite compreender que o IDH de Andradas é bom. Quanto ao índice de pobreza, São Paulo apresenta 26,60 %, quase o dobro do valor apresentado em Andradas (MG).

De uma maneira geral, a importância de compreender os aspectos da população vem da necessidade de elucidar, primeiramente, como é formado o município de Andradas, para assim entender como os estrangeiros modificam o território do município. Dependendo de como esses haitianos se espalham e se encaixam em Andradas, a maneira com que utilizam do território é diferente.

Esses imigrantes haitianos fazem papel ativo no uso do território do município, sendo possível identificar essa questão através da criação das igrejas pentecostais, por exemplo. Cada vez mais os imigrantes haitianos buscam se inserir no território de Andradas, usando do território para se incluírem na dinâmica do município.

Retomando a questão da presença haitiana em Andradas, destaca-se que eles têm papel ativo no estudo do uso do território, mas também na compreensão das condicionantes da migração, e como elas se relacionam no território usado. Dessa forma, entende-se que a discriminação sofrida por esses imigrantes haitianos, que por mais que não seja necessariamente objeto de estudo da Geografia, podem influenciar em como se dá o uso do território por eles.

A hipótese levantada nesta pesquisa, é que mesmo vivendo em uma dinâmica de uso do território como recurso (SOUZA, 2021), esses imigrantes haitianos buscam usar o território de sua própria maneira, se inserindo cada vez mais no território andradense, buscando dessa forma, alcançar o uso do território como abrigo, ou seja, o uso do território como um direito de todos.

Portanto, o objetivo do trabalho foi explicar os motivos da migração de haitianos para o Brasil, e desse modo, compreender como é feito o uso do território por eles no município de Andradas (MG). Quanto aos objetivos específicos do trabalho, destaca-se o estudo das migrações internacionais como uma maneira de compreender o fluxo migratório do século XXI, e desse modo, o fluxo migratório haitiano. Também, a necessidade de compreender

como a migração está atrelada a diversas condicionantes, tornando-se um fenômeno de múltiplas causas.

Ainda sobre os objetivos específicos, cabe destacar a questão das estratégias desenvolvidas por esses imigrantes haitianos para o uso do território em Andradas (MG), assim como relacionar a questão da qualidade de vida (FREITAS & PORTO, 2021) como uma condicionante para o uso do território.

A metodologia utilizada para realização da pesquisa foi a revisão da literatura, consultando livros de autores como Netto (2011), Santos (1988, 2000) e Souza (2019, 2021), sendo dividida em 4 etapas. A primeira consiste na revisão da literatura, que permitiu um aumento do conhecimento sobre o assunto e assim, possibilitando a construção da informação nesse projeto. Na segunda etapa, foi realizada uma entrevista informal para complementar assuntos envolvendo a perspectiva dos haitianos sobre suas vidas em Andradas.

A terceira etapa da metodologia foi a utilização de livros e painéis onde houve participação de imigrantes haitianos, como foi feito no II Colóquio¹ (2020), onde foi discutido em meio a temática dos imigrantes internacionais e refugiados, como é a condição de vida do imigrante haitiano no município de Andradas.

A quarta etapa consiste em discutir como ocorre o uso do território dos imigrantes haitianos em Andradas. É abordado, portanto, questões envolvendo desde o que é o uso do território (como recurso e como abrigo), até de fato as maneiras que podem ser identificadas de como os imigrantes haitianos usam o território andradense.

Cabe destacar que no âmbito empírico, o trabalho acabou sofrendo dificuldades devido a pandemia do COVID-19. O vírus teve início da China durante o ano de 2019, onde ainda era considerado uma epidemia, quando se alastrou pelo mundo durante o ano de 2020, caracterizando-se como uma pandemia. A pandemia do COVID-19 soma mais de 5 milhões de mortos pelo mundo, atingindo milhares de famílias, inclusive a minha.

Para manter a segurança tanto dos pesquisadores quanto dos moradores da cidade de Andradas (MG), mesmo após a flexibilização das medidas de restrição de acesso às cidades, optou-se por não realizar trabalhos de campo. Dessa forma, esta etapa da pesquisa acabou sendo afetada, porém, mesmo com esta limitação, não deixamos de continuar pesquisando com tudo que nos era fornecido, de modo a continuar realizando ciência.

¹ II Colóquio sobre Migrações e Espaço Geográfico organizado pelo Prof. Dr. Gil Carlos Silveira Porto que contou com a presença de imigrantes internacionais e refugiados constituindo as mesas redondas, assim como professores para enriquecimento da discussão. O evento ocorre entre os dias 16 e 17 de dezembro de 2020 e foi transmitido pelo canal no Youtube do PPGEU-Unifal-NG.

Cabe afirmar também que, devido a pandemia, houve uma dificuldade em acessar alguns livros de certos autores, como Ravenstein (1980), devido ao acesso limitado à biblioteca, assim como o fato de muitos desses livros não estarem presentes na internet de maneira completa, e, portanto, foi necessário utilizar a informação obtida a partir da interpretação de outros autores, como Porto (2014).

A presente monografia está distribuída em três capítulos além da introdução, considerações finais e referências. No capítulo dois discorro sobre as causas dos fluxos migratórios internacionais, utilizando da interlocução de vários autores como Ito (2008), Ferreira (2007) e Porto (2014), entre outros, para compreender as possíveis causas do fenômeno migratório.

No capítulo três, é abordado a questão da migração para o Brasil de diversos grupos de imigrantes, para posteriormente discutir a questão socioespacial haitiana (procurando apontar motivações para migração desse grupo para o Brasil) e assim, a migração haitiana para o Brasil. No capítulo quatro, é tratado pôr fim a questão do uso do território por esses imigrantes haitianos, a fim de compreender como usam o território de Andradas.

Por fim, destaca-se que esse trabalho resulta-se de um desejo de pesquisa que se originou em meu município ao entrar em contato com uma família haitiana que frequentava a mesma igreja que a minha família, e assim, essa vontade de pesquisar sobre a imigração e sobre os haitianos ganhou força na universidade, com a iniciação científica, através do projeto guarda-chuva intitulado *"Dinâmicas territoriais e estratégias de adaptação e sobrevivência de imigrantes no Sul de Minas: um estudo de caso a partir dos haitianos em Andradas (MG)"*, assim como a monitoria na matéria Geografia da População, que me ajudou ainda mais com a aproximação do tema que é meu desejo de estudo.

2 CONDICIONANTES DO FENÔMENO MIGRATÓRIO: REFLEXÕES INICIAIS

O tema migração ganhou muita força na discussão no meio acadêmico a partir da sua análise considerando a questão da globalização. Como afirma Martine (2005), o migrante se encontra em um mundo que não apresenta mais fronteiras, e que teoricamente, permite o fluxo livre de mercadorias e mão de obra. Porém, como afirma o autor, por mais que o mundo globalizado permite a circulação de mercadorias, a mão de obra se move em um ritmo imensamente menor.

Essa análise é importante pois, para podermos discutir o que é a migração e como ela afeta tanto o país de origem quanto o país de entrada, é preciso entender que existem processos e fenômenos que impulsionam essa migração, sendo eles condicionantes para que ela aconteça, fazendo com que atinjam alguns grupos, tornando-a mais volumosas ou menos volumosas.

Considerando os fatores que condicionam a migração em diferentes correntes na geografia e outras ciências, Porto (2014) afirma que na década de 1970 os estudos que abrangiam a questão migratório eram abordados por uma visão neoclássica (a qual a geografia carregava na época) e, portanto, levavam em conta a migração como uma questão individual, e não a tratava como um fenômeno que envolvia questões impostas a grupos de indivíduos.

Porém, a renovação da geografia, a partir da abordagem crítica, fez com que outras questões fossem levantadas sobre o tema. Segundo Becker (1997), na abordagem neoclássica, o indivíduo é considerado como categoria de análise e a dimensão espaço-temporal da mobilidade populacional se caracterizava pelo deslocamento do migrante entre dois pontos.

Até os anos 70, o fenômeno migratório era considerado a partir de uma perspectiva neoclássica, dentro de uma visão predominantemente descritiva e dualista. Estudavam-se os movimentos migratórios espacialmente através da mensuração dos fluxos demográficos e das características individuais dos migrantes. Do ponto de vista espacial, a análise estatística de fluxos (linhas) e de aglomerações (pontos) era favorecida em detrimento da visão histórico-geográfica de uma formação social (BECKER, 1997, p. 323).

Desse modo, a autora reforça que com a renovação ocorrida na geografia na década de 70, com um enfoque agora neomarxista, a análise dos fluxos migratórios deixou de favorecer apenas os números, assim dando espaço também para discussão da migração como um fenômeno de múltiplos fatores, e assim como aponta Becker (*idem*), está diretamente atrelada a vontade do capital.

Em seu trabalho, Porto (2014) apresenta uma gama de estudiosos do tema, os quais trazem seus pontos de vista sobre os condicionantes da migração interna, mas que podem auxiliar no entendimento da migração entre países. Ravenstein (1980 *apud* Porto, 2014, p. 40), em seu estudo a partir da migração no Reino Unido, afirma que existem os “condados de absorção” e os “condados de dispersão”, que funcionam como polos que atraem ou que repelem os migrantes.

Através de seu trabalho, Ravenstein conclui algumas ideias sobre o tema. A primeira é a de que a maioria dos imigrantes se deslocam a pequenas distâncias, produzindo assim as chamadas “correntes migratórias”, com direção aos grandes centros comerciais. A segunda é de que eles deixam “espaços” a serem preenchidos no local do qual saem, fazendo com que seja preenchido por migrantes de maiores distâncias.

É interessante analisar essa visão de Ravenstein como uma possibilidade para o caso de Andradas, município estudado nessa pesquisa, onde os haitianos ocupam possíveis espaços que foram deixados por andradenses que agora se encontram em outros locais do território brasileiro.

O autor afirma também, que o processo de dispersão e absorção são inversos, porém possuem semelhanças, que os que migram para longas distâncias, normalmente buscam os grandes centros industriais e comerciais; as pessoas naturais da cidade migram mais que os naturais da área rural e afirma que as mulheres migram mais (RAVENSTEIN (1980), *apud* PORTO, 2014).

Entender esses motivos que são levantados pelo autor, permeiam a compreensão de como, na verdade, existem muitos motivos que condicionam a migração individualmente, chamados de causas subjetivas, e que existem motivos que condicionam a migração de um grupo de pessoas, que são de fatos as causas gerais de migração.

Um outro autor que também contribui para o entendimento do fenômeno migratório é o geógrafo estadunidense Everett S. Lee. Segundo ele, a migração se trata de um fenômeno com característica de mudança permanente ou semipermanente de residência, além de se considerar outros fatores:

A distância do deslocamento, o caráter voluntário ou involuntário do ato, bem como o tipo do movimento (interno ou externo) não são características definidoras da mobilidade. O aspecto que mais interessa e contribui para a análise proposta em seu texto, refere-se aos fatores condicionantes do ato migratório. Para o autor, esses fatores estão associados ao local de origem, ao local de destino, aos obstáculos intervenientes e às decisões pessoais. (LEE, 1980 *apud* PORTO, p. 41, 2014).

Cabe-se destacar que esses fatores citados acima nos ajudam a entender a migração haitiana para o Brasil. O local de origem pode apresentar condições que repelem sua população, como no caso do terremoto no Haiti, no ano de 2010. O local de destino, apresenta uma motivação que atrai esses migrantes, como por exemplo a boa imagem do brasileiro após sua Missão de Paz feita pela ONU, que teve início em 2004. Os motivos pessoais significam as motivações das quais cada indivíduo apresenta para migrar, como busca de novas oportunidades de trabalho, melhor qualidade de vida, ajuda financeira para a família, entre outros.

Outro importante fator destacado por Lee é a questão do conhecimento prévio do país de destino, conhecimento este vindo de imigrantes que já se deslocaram para esse novo território. Como é apontado por Porto (2014), o geógrafo estadunidense destaca que as redes sociais (contato quem foi e quem ficou), mantém uma relação entre os que migraram e os que permanecem no país de origem e que o conhecimento que obtém deste país do qual se inserem é uma importante questão para os que ainda não migraram, irem para esse mesmo país de destino.

No caso dos haitianos em Andradas, a intensa imigração de famílias haitianas, e o conhecimento obtido (assim o estabelecimento de redes sociais) seria uma importante condicionante para o aumento do fluxo de imigrantes haitianos para o município de Andradas, pois, o conhecimento prévio do país e do município que se deseja migrar os deixam confiantes o suficiente para migrarem para o local de destino. Sendo assim, o conhecimento prévio feito por alguns migrantes está diretamente ligado ao aumento ou diminuição do fluxo migratório para o mesmo local.

Outra importante abordagem acerca das causas da migração, considera fatores como a questão climática, econômica e política, assim como a chamada inércia migratória (GEORGE, 1991 *apud* PORTO, 2014). Em sua obra, George discute outras questões importantes das condicionantes do movimento migratório, como por exemplo a questão dos fluxos migratórios forçados, assim como a questão das remessas, que caracteriza uma das mais importantes condições para migração.

Existe também, nos estudos atuais sobre migração, a necessidade de compreender não somente os fluxos internos da migração, mas também os que remetem a imigração internacional. Uma importante autora da atualidade que debate esse tema é Beaujeu-Garnier

(1980 *apud* Porto, p. 42, 2014), que apresenta uma grande quantidade de fatores determinantes para a migração.

A autora aponta que, independentemente do volume de indivíduos que migram, é importante compreender que sua saída e sua chegada em um certo local causam impacto e mudança nos mesmos causando até mesmo mudança em seu modo de vida. Isso é um bom exemplo de como, de acordo com as condicionantes impostas aos migrantes, sua capacidade de transformar o território se torna maior ou menor. Um exemplo seria a questão da facilidade de adquirir ou não a documentação.

Também é levantado pela autora questões diferentes das debatidas anteriormente. Beaujeu-Garnier (1980 *apud* PORTO, 2014) aponta condicionantes como a língua (e seu papel na inserção do migrante no novo território) e o espírito aventureiro. Porém, também é interessante como a autora aponta a importância de cada uma dessas condicionantes.

Como se observa, a autora não condiciona o fenômeno migratório apenas a partir da atuação de um fator. A depender do recorte espacial em questão, da temporalidade do fenômeno migratório ou de suas tipologias, determinado grupo de fatores pode ter maior peso que outro - no entanto, é menos provável que ela aconteça em função de apenas uma variável condicionante (PORTO, p. 43, 2014).

É importante destacar também a grande contribuição de Singer (1980) que traz em seu estudo a questão do fator histórico como condicionante da migração (SINGER, *idem*). O autor afirma que a questão histórica, associada com os eventos atuais, gera um fluxo migratório. Dessa maneira, quando se relaciona às questões da industrialização e da ascensão do capital, pode-se compreender através de Singer (*ibidem*) o que Becker (1997) afirmava como uma migração movida pela capital.

Dessa forma, a questão histórica que acontece no mundo todo condiciona diretamente a migração. No caso dos imigrantes haitianos no Brasil, dois desses fatores se destacam: primeiro a Missão de Paz da ONU em 2004 e o terremoto no Haiti, 2010. O autor também reforça que essas migrações impactam na economia em escala global, ou seja, o viés econômico trazido por Singer (1980), denota como a migração desempenha papel chave na economia do mundo todo durante anos.

Outro importante ponto a ser tratado, é que mesmo antes do terremoto e da guerra civil, o Haiti já havia passado por problemas causados principalmente pela colonização do país. A influência europeia desempenhada principalmente por Espanha e França fizeram com que o país fosse utilizado apenas para exploração, em detrimento do bem-estar de sua

população, sendo um exemplo disso o massacre dos nativos do Haiti na chegada dos colonizadores.

Damiani (2002) destaca que a migração é um reflexo direto das relações capitalistas do mundo globalizado, sendo assim, é possível identificar esse reflexo nas questões da mão de obra migrante. Como afirma a autora, a migração tem diversos motivos, porém a necessidade do capital sempre se destaca como condicionante para deslocamentos populacionais, não somente nos dias de hoje, mas ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX também.

As condições de desenvolvimento do capitalismo nos seus países de origem explicam a saída desses milhões de indivíduos. Embora os movimentos de população não tenham necessariamente o caráter diretamente compulsório, como no caso da mercantilização do escravo, eles resultam de constrangimentos. Pierre George fala de migração não só como deslocação humana, mas como irradiação geográfica de um dado sistema econômico e de uma dada estrutura social (DAMIANI, 2002, p. 40).

Damiani (*idem*) ainda afirma que, devido à grande concentração das propriedades e da exploração da mão de obra, o capitalismo cresce cada vez mais. É importante destacar, portanto, que na medida em que o capitalismo e as relações de exploração crescem no atual mundo globalizado, a migração impulsionada por esses fatores também cresce, e resulta em fluxos migratórios “novos”, como por exemplo, o de imigrantes haitianos para o Brasil.

Portanto, ao se estudar a questão da migração, é sempre importante entender como do mesmo modo com que o homem se move no espaço, as abordagens do movimento migratório se movimentam em diferentes disciplinas, e mudam de acordo com o tempo, demonstrando as mudanças na sociedade e no âmbito acadêmico em cada época (PORTO, 2014).

2.1 Enfoques da Migração Internacional

No que concerne à discussão das causas sobre a migração internacional, é possível afirmar que algumas dessas causas são as mesmas da migração interna. Dessa maneira, cabe entender então quais são as características que formam a migração internacional enquanto processo social e geográfico.

Em vários trabalhos desenvolvidos acerca do tema migração, pode-se notar que a questão dos problemas da sociedade capitalista e sua complexidade sempre acabam aparecendo como fatores condicionantes da mobilidade. Esta ideia se assemelha ao que foi defendido por Ferreira (2007), para o qual um dos motivos do movimento migratório, acaba

sendo a concentração do capital proveniente do modelo político e econômico atual de muitos países (capitalismo).

Uma importante questão levantada também pelo autor, é sobre o deslocamento imenso de escravos africanos para a América durante o período da colonização, como um importante tópico a ser tratado na discussão da migração internacional. Assim, afirma que as populações não são forçadas apenas a abandonar seus países de origem, mas também o lugar da história de suas vidas (FERREIRA, 2007).

O autor também traz em sua obra o debate sobre a evolução da abordagem do tema migração nos estudos acadêmicos, principalmente na geografia com a transição do viés neoclássico para o neomarxista, apontando a necessidade de compreender a migração como um resultado de um conjunto de motivos, e não apenas um, tratando a migração como uma mobilidade ocasionada pelas forças do capital.

Essa análise de Ferreira (*idem*) se relaciona diretamente com as ideias trazidas por Becker (1997), onde a questão migratória agora já não é mais tratada como uma vontade individual, ou como afirma a autora, uma vontade pessoal de maximizar suas necessidades, promovida principalmente pelo avanço da globalização e da necessidade de cada vez maior de buscar melhorias na qualidade de vida, promovida pelo capital.

Tal concepção leva a um modelo reduutivo da realidade onde a sociedade era considerada sob um enfoque individualizado, atomístico: cada pessoa buscava maximizar suas necessidades. A decisão de migrar era percebida como decorrente apenas da “decisão pessoal” e não pressionada ou produzida por forças socioeconômicas exógenas (BECKER, 1997, p. 323).

Ainda como traz o autor, é apontado um interessante fator, sendo manifestado por ele como um pequeno domínio na decisão do ato de migrar (FERREIRA, 2007). Dessa forma, por mais que esteja inserido em um sistema capitalista que visa sempre os benefícios do capital, o migrante ainda detém um pequeno (porém importante) espaço na decisão de migrar ou não.

Como mostra Becker (1997), existem alguns motivos que impulsionam o surgimento ou a manutenção de certos fluxos migratórios. A primeira mencionada é a questão socioeconômica, impulsionada principalmente pela necessidade de acúmulo do capital, e que no caso dos migrantes, na maioria das vezes se manifesta na forma das remessas que são enviadas para suas famílias em seu país de origem. Afirma também, que só em uma segunda instância que se analisaria as questões subjetivas (ou individuais).

A autora também reforça a ligação entre a vontade do capital e os movimentos migratórios, que ganharam forças no estudo migratório a partir do ideal neomarxista. Desse modo, é possível compreender que cada vez mais a mão de obra migrante tem seu deslocamento condicionado pela necessidade capitalista: caso necessitem de mão de obra, são bem-vindos, caso contrário, sua entrada não é permitida.

Porém, uma outra forma de olhar a questão migratória seria através da análise desse fenômeno levando em conta as questões estruturais e subjetivas do migrante, de maneira conjunta. De tal modo, seria possível compreender como motivos individuais, como a vontade de melhorar a qualidade de vida, estaria ligada com a questão estrutural, como por exemplo um país que não consegue suprir a necessidade de empregos de sua população.

Em sua obra, Ferreira (2007) também discute como o avanço e desenvolvimento do capitalismo em países como o Brasil, faz com que a migração possa se tornar um movimento como um empreendimento controlado, ou um ato político, que está completamente ligado à vontade do econômico (FERREIRA, 2007).

A questão histórica é levantada novamente como uma das condicionantes que apresentam um grande peso, citando novamente Damiani (1998 *apud* FERREIRA, 2007), onde a questão histórica remete a questões como o desequilíbrio causado pela mecanização e racionalização acelerados, que justamente se encontram dessa maneira devido a imigração como empreendimento, ou seja, a mando do capital.

É de grande importância entender também, como nesse período histórico, países (incluindo o Brasil) se tornaram tanto polos de atração quanto polos de repulsão.

Meihy (2005) nos faz a seguinte questão: No mundo de hoje com 100 milhões de imigrantes é de se perguntar qual é o papel do Brasil contemporâneo neste período histórico. Para este mesmo autor a mudança é que passamos de país receptor de estrangeiros para também exportador de gente. Alguns lugares geográficos internacionais têm funcionado como polos de atração e, entre tantos, os Estados Unidos, Japão e alguns países da Europa se destacam. Por motivos diferentes, cada país atrai grupos com perfis diferenciados, por exemplo, do ponto de vista da cultura. (FERREIRA, 2007, p.5).

O autor ainda reforça que, independentemente dos motivos que levam as pessoas a migrar, a raiz de todo movimento migratório está no aumento da produção capitalista, No caso dos haitianos, pode-se notar tal fenômeno através da necessidade do trabalho assalariado, que faz com que a entrada de haitianos no Brasil seja de grande quantidade, fazendo com que o capital se torne um motor da migração no quadro atual. Também, ao apontar questões como

a disponibilidade dos recursos técnicos científicos e a informatização, leva em conta como o acesso limitado aos aspectos da atual globalização impactam na vida do migrante.

Quando se discute o uso do território por um migrante, por exemplo, o acesso a tais recursos são os principais responsáveis pela limitação ou não limitação de sua oportunidade de alterar o território que habitam. A maneira com o qual estão inseridos, se completamente ou parcialmente, faz com que suas “ferramentas” para a transformação do território sejam diferentes.

Santos e Silveira (2001) também debatem em sua obra a questão dos polos de atração e repulsão (que também aparece na obra de Ferreira). São chamados por eles de espaços luminosos aqueles que atraem, devido a sua densidade tecnológica e informacional, sendo grande em capital, tecnologia e organização. Os espaços opacos, seriam, portanto, os espaços onde as características citadas anteriormente não existem.

Porém, como maneira de acrescentar também na observação feita por Ferreira através da obra de Santos e Silveira (2003), pode-se comentar também sobre os espaços que mandam e os que obedecem. A relação entre eles e migração é que, por mais que exista a necessidade da circulação de mão de obra, essa só é permitida caso seja a vontade das grandes potências, ou seja, os países que mais acumulam capital seriam os que mandam, enquanto os países em desenvolvimento, os que obedecem. Porém essa dinâmica só é possível devido a condições diversas.

Retomamos assim a definição do espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ação, considerando indispensável para não se atribuir valor absoluto à metáfora. Tomando essa cautela, pode-se dizer que há espaços que comandam e espaços que obedecem, mas o comando e a obediência resultam de um conjunto de condições, e não de uma delas isoladamente. (SANTOS & SILVEIRA, 2001, p.264).

Voltando a análise feita por Ferreira (2007), afirma o autor que o país, dependendo da sua relação de espaço e tempo, pode se tornar tanto um espaço luminoso quanto um espaço opaco. No exemplo dado pelo autor utilizando o Brasil, luminoso seria quando a cidade de São Paulo atrai imigrantes vindos principalmente da América Latina, e opacos, quando uma boa parcela da população busca melhores condições em países como Estados Unidos, Japão, entre outros.

No caso da migração haitiana, o Brasil pode ser considerado como um espaço luminoso e opaco, pois ao mesmo tempo que atrai a mão de obra advinda de países da

América Latina, como o Haiti, também faz com que alguns dos seus habitantes busquem por melhor qualidade de vida em outros países, como os *dekasseguis*.

Ao se abordar os espaços luminosos, fica claro como o autor apresenta esses espaços como locais onde a globalização se faz presente, permitindo assim compreender que nesses locais onde existe o meio técnico científico informacional, o desenvolvimento e a tecnologia se tornam atrativos para pessoas que, por diversos motivos, buscam uma melhor qualidade de vida. Um bom exemplo desse caso são os brasileiros que buscam o Japão para trabalharem em serviços básicos, que proporcionam a eles uma chance de melhorar financeiramente suas condições.

Um importante aspecto apontado por Ferreira (2007), é como os migrantes vindos dos países opacos, ao chegarem nos países luminosos, se deparam com uma inferioridade perante àqueles que pertencem à população local. Essa inferioridade é caracterizada através de trabalhos e condições de vidas precárias, mostrando a exploração da mão de obra e a ilusão do “ideal de vida”.

É importante ressaltar também como essas áreas que incorporaram a modernização, se veem basicamente na necessidade de receber os imigrantes. Países com a medicina avançada e com a modernização ascendente, apresentam pirâmide etária de topo largo, ou seja, uma população mais idosa. Dessa forma, fazem exceções para migrantes, facilitando a obtenção de visto temporário de trabalho, para que a mão de obra formada, principalmente, por migrantes jovens sirva como motor da economia de países considerados luminosos.

Portanto, um bom apontamento de Ferreira (*idem*), é que a migração internacional é na verdade, uma necessidade subjetiva dos migrantes que é alimentada pela economia capitalista. A necessidade de consumir, de buscar uma vida melhor, de atender as expectativas do mundo globalizado, faz com que as migrações cresçam cada vez mais, diante do atual quadro da globalização.

Um exemplo que evidencia o que foi mencionado acima é a relação entre Brasil e Japão que destaca o autor. Antigamente, o Japão enviava mão de obra para o Brasil, porém, atualmente é o Brasil que envia os netos e bisnetos daqueles que migraram para o Brasil, de volta ao Japão para suprir sua necessidade de mão de obra (FERREIRA, *ibidem*).

Para exemplificar melhor a questão da migração internacional, o autor também utiliza o exemplo dos *dekasseguis*, que se caracteriza por uma parcela das pessoas que migram para o Japão em busca de trabalho. É apontado também pelo autor que esses migrantes muitas

vezes aceitam uma "diminuição de status" para que possam complementar sua renda através de trabalhos considerados simples, como faxineira, cuidadora de idosos etc.

Ainda discutindo a relação entre o poder econômico das nações e a questão migratória, cabe destacar como a hegemonia econômica se torna um importante fator que condiciona os fluxos migratórios. De tal maneira, apresenta como a questão histórica, debatida por Damiani (1998), é de extrema importância para entender a questão da consolidação dessas economias, pois é através desses dados históricos que se pode compreender a consolidação econômica do país.

Na primeira metade do século passado, o Japão reunia as condições que o faziam enviar trabalhadores para o Brasil, por outro lado, os fazendeiros de café paulistas imprimiam suas ações hegemônicas na esfera política brasileira, e as fazendas de café, verdadeiros objetos hegemônicos do período, estavam no estado de São Paulo, área privilegiada da formação do território nacional. (FERREIRA, 2007, p. 15)

Como apresenta também em seu debate, Ferreira (2007) informa em sua discussão que países onde a economia está se desenvolvendo, ou está em ascensão, se tornam um atrativo para os migrantes que buscam uma melhoria de vida. Desse modo, questiona-se: quais são os fatores que vem atraindo migrantes para países da América Latina?

Uma maneira de observar essa atratividade é a imigração haitiana no Brasil. A economia brasileira apresenta para aqueles que possuem vontade de migrar, uma possibilidade de criar uma melhor condição, tanto para eles como indivíduos, como para suas famílias. Dessa forma, mesmo com as dificuldades econômicas que o Brasil constantemente enfrenta, ainda assim, é uma fonte de esperança para alguns migrantes, principalmente da América Latina.

Ainda de acordo com Ferreira (*idem*), a partir de sua pesquisa no Japão em 2005, os migrantes internacionais foram divididos em quatro grupos. O primeiro grupo seria aquele dos brasileiros que migraram e possuem a intenção de voltar ao Brasil, vivendo o que ele chama de uma "vida mais regrada", sem luxos, com a intenção de arrecadar o máximo de dinheiro para ter uma certa segurança financeira.

O segundo se caracteriza o grupo de brasileiros que migraram e ficam em dúvida sobre retornar ou não, vindo algumas vezes para o Brasil como forma de aliviar a saudade de seu país de origem, que normalmente aprendem a língua do país de destino. O terceiro grupo seria os brasileiros que migram e que adotam o país como sua nova moradia, caracterizando dois grupos dentro dessa terceira categoria: aqueles que adotam uma imagem "endeusada" do país de destino, e aqueles que simplesmente preferem morar lá.

Podemos ressaltar ainda neste grupo, os brasileiros que estabelecem formas de comércio no território japonês voltadas para o público brasileiro, empregando inclusive os próprios brasileiros, as pessoas engajadas em associações que visam à integração e melhoria das condições de vida dos brasileiros no território japonês e aqueles que começam a adquirir e financiar a sua casa própria no Japão. Alguns destes brasileiros conseguem também, às vezes, serem contratados diretamente pelas fábricas, sem a necessidade de intermediários, outros trabalham em órgãos públicos como escolas, prefeituras e hospitais, exercendo principalmente a função de tradutores. (FERREIRA, 2007, p. 21).

O quarto e último grupo se caracteriza, como afirma Ferreira (2007), de um desdobramento do terceiro, sendo constituídos pelos filhos desses *dekasseguis*, que falam ambos os idiomas, e que possuem uma vontade de conhecer o país de origem de sua família, no caso, o Brasil. O Quadro 1 organiza as ideias apontadas pelos quatro grupos apresentados por Ferreira.

Quadro 1: Os quatro grupos de brasileiros *dekasseguis* no Japão

Os Quatro Grupos de <i>Dekasseguis</i>	Características de cada grupo
Primeiro Grupo	Imigrantes brasileiros que possuem vontade de retornar ao Brasil, vivem uma vida mais regrada.
Segundo Grupo	Imigrantes brasileiros que estão indecisos quanto voltar ou não ao Brasil, normalmente fazem visitas ao país.
Terceiro Grupo	Imigrantes brasileiros que adotaram o Japão como seu novo país, normalmente falam a língua do país de destino.
Quarto Grupo	Desdobramento do terceiro grupo, filhos dos <i>dekasseguis</i> , falam ambas as línguas, possuem vontade de conhecer o Brasil.

Fonte: FERREIRA, (2007). Org.: João Vitor de Freitas.

Cabe destacar, porém, que os *dekasseguis* são um grupo de brasileiros que foram chamados para trabalhar no Japão, e dessa forma, não enfrentam necessariamente as dificuldades que os imigrantes haitianos enfrentam ao saírem de seu país. Porém, a similaridade apontada nesse trabalho é da vontade que surge em relação ao país de destino, e não o de origem. Existem, portanto, motivos diferentes para que os *dekasseguis* e os imigrantes haitianos migrem, porém, pode haver similaridades com suas experiências no país de chegada.

Desse modo, as experiências positivas se espelham principalmente nos grupos três e quatro, onde adotam o país de destino como seu novo país, resultado de uma boa relação com determinado território. Já os grupos um e dois não resultam apenas de relações não boas com os países de destino, mas também está atrelada as questões sentimentais pelo país de origem, e assim como ocorre com alguns *dekasseguis*, existem famílias haitianas que possuem vontade de retornar ao seu país de origem.

É de grande importância ressaltar como esses apontamentos feitos por Ferreira, são na verdade, aplicáveis a todos os migrantes que estão envolvidos na complexidade do dinamismo do capital, e, portanto, estão à mercê da vontade da economia capitalista, tanto de seus países de origem, quanto do seu país de destino.

Quando trazemos esse estudo de Ferreira (2007) para pesquisa, buscamos pontuar como a imigração haitiana acaba se encaixando nesses grupos. A inserção social e o uso do território por esses imigrantes fazem com que eles acabem ficando no país, como no grupo dois, assim como a longo prazo, trazem suas famílias e aprendem o português, como no grupo três.

Também, ao passar dos anos, as gerações desses imigrantes haitianos que se darão no Brasil, podem sentir a vontade de conhecer o país de origem de sua família, o Haiti, como no caso do grupo quatro. Porém, a falta de uma inserção social que de fato os inclua na dinâmica municipal (tanto por parte dos andradenses quanto da prefeitura de Andradas), faz com que alguns sintam vontade de retornar ao Haiti, como no caso do grupo um.

Alguns desses grupos analisados por Ferreira (2007) foram identificados ao longo da pesquisa, porém certos grupos, como por exemplo o quatro, serão mais fáceis de se identificar com o decorrer dos anos, em futuras pesquisas, já que a migração haitiana para o Brasil ainda é um fluxo migratório bem recente e está em constante desenvolvimento.

Partindo agora para uma abordagem diferente sobre a migração internacional, analisamos o trabalho de Ito (2008), onde a autora aborda as transformações e condições que permitem que a migração internacional seja um fenômeno recorrente no mundo.

A autora, logo no início de sua obra, reafirma que atualmente os trabalhos feitos acerca da migração levam em conta as questões socioeconômicas, políticas e culturais do mundo (ITO, 2008), devido ao atual quadro da globalização que se encontra no contexto internacional.

Para Gaudemar (1997 *apud* ITO, 2008) existe uma dualidade, ou seja, o trabalhador é duplamente livre, de maneira positiva e negativa. A positiva se caracteriza pela detenção da força de trabalho, ou seja, o trabalhador é a ferramenta que o mundo globalizado precisa. A negativa, com tudo, é que o trabalhador necessita da venda dessa mão de obra para sua sobrevivência.

Como reflete Melchior (2001 *apud* ITO, 2008), os movimentos migratórios são um reflexo da necessidade do mercado, tanto nacional quanto internacionalmente. Dessa forma, a mobilidade do capital estaria diretamente ligada com a mobilidade da mão de obra. De tal

modo, é necessário que o trabalhador se adapte e faça parte do mercado de trabalho. Um exemplo consistente desse fenômeno são os imigrantes da América Latina e Caribe que se direcionam para os EUA, onde justamente se concentra a dinâmica capitalista.

Outro importante aspecto destacado por Ito (2008) é como, no atual contexto do mundo globalizado, é necessário pensar nas questões que envolvem a migração em suas tipologias, como por exemplo, o tráfico de crianças, o narcotráfico, a xenofobia, o racismo, entre outros fatores.

A autora também afirma que existe uma inegável realidade de que, atualmente, os movimentos migratórios ganharam força devido à globalização. Como afirma Martine (2005), também citado na obra de Ito, a globalização é parcial, ou seja, não atinge a todos de maneira igual, sendo assim, por mais que exista um fluxo de mercadorias e do capital, a mão de obra não tem essa mesma liberdade.

Porém, é fato que a mão de obra migrante é a principal responsável por manter o movimento do capital e o crescimento da economia, principalmente em países que possuem uma população majoritariamente idosa. Ao citar CEPAL (2002 *apud* ITO, 2008), percebe-se que países que tiveram uma grande diferenciação econômica, ou seja, países que se desenvolveram em larga escala, utilizaram mão de obra migrante, como por exemplo, o Japão.

Foi um período marcado por políticas migratórias liberais, onde os governos estimulavam a entrada e permanência de estrangeiros, como forma de garantir a oferta de mão-de-obra, tão necessária para a ocupação dos territórios, assim como, a expansão de atividades econômicas. E, em alguns casos, havia a preocupação em promover o “branqueamento” da população, incentivando a imigração de europeus. Segundo a CEPAL somente no início do século XX, as políticas passaram a conter restrições, particularmente quanto à discriminação de asiáticos, como aconteceu com os chineses no Canadá, Estados Unidos e Austrália. Desta forma, houve a retração do movimento migratório no Mundo. (ITO, 2008, p. 4).

Outra variável muito importante levantada pela autora é a questão da distância. Como mostra em sua pesquisa (levando em conta o Japão), os migrantes que chegavam ao país em maior peso vinham dos países próximos do Japão, como China (20,3%), Filipinas (20%) e Coreia (8,2%), e se repetiria nos Estados Unidos, com migrantes vindo em sua maioria do México, Canadá e República Dominicana (ITO, 2008).

Outro dado apontado pela Cepal (2002 *apud* ITO, 2008), é que a partir de 1965, houve uma mudança no que se fez a legislação referente aos migrantes nos Estados Unidos. Atualmente, a entrada de migrantes é facilitada para aqueles que possuem laços familiares

com norte-americanos ou que apresentem mão de obra qualificada (ou seja, novamente a migração está ligada com a vontade do capital).

Ito (2008) reforça novamente como, na busca pelas melhores condições de vida em seus países de destino, os migrantes trabalham em atividades que exigem uma menor qualificação, vivendo em áreas separadas que apresentam estruturas mais pobres e apresentam, portanto, um status social menor.

Dessa forma, a autora define que os estudos espaciais relacionados à migração hoje em dia levam em conta a aceleração desse processo vindo do capitalismo.

Os deslocamentos populacionais se confundem na evolução da humanidade, o fenômeno migratório é componente básico na luta por melhores condições de vida desde a pré-história. Esse movimento acelerou-se com o advento do capitalismo, o qual tem se caracterizado pela mobilidade espacial da população. Pode-se afirmar que praticamente todos os países têm em sua história o fenômeno da mobilidade espacial da população. (ITO, 2008, p. 11)

De maneira geral, a autora aponta que existem três temas centrais que discutem a questão da migração internacional. De acordo com o IMI (2006 *apud* Ito, 2008, p.15), esses três grupos articulam entre si, sendo eles a vida em trânsito, as transições demográficas e migrações e transformações.

A vida em trânsito corresponderia a ideia de que os migrantes são atores sociais, e que seu parâmetro financeiro e político, assim como o próprio ato de migrar, devem ser levados em conta para se entender a complexidade que se trata do estudo dos fenômenos migratórios no mundo.

As transições migratórias se referem a questão da mudança dos padrões migratórios ao longo dos anos passados, ou seja, a autora aponta a necessidade de entender relações como a de densidade demográfica levando em conta a migração, para assim compreender as rotas dos migrantes e os fluxos de refugiados.

As migrações e transformações, como aponta o IMI (2006 *apud* ITO, 2008), estão relacionadas com a análise das relações entre a migração e as transformações políticas que são causadas pela mesma. Dessa forma, a intenção é tratar a migração internacional no contexto das políticas internas e externas de um país. O Quadro 2 mostra um esquema simplificado desses três temas levantados por Ito (2008).

Quadro 2: Os Três Temas Referentes à Migração Internacional

Temas	Características dos Temas
A Vida em Trânsito	Leva em conta o ato de migrar, abordando suas motivações.
As Transições Migratórias	Necessidade de entender a relação entre a migração e seus padrões.
Terceiro Migrações e Transformações	Estuda a relação entre migração e política do país.

Fonte: Ito (2008) Org.: João Vitor de Freitas.

Finalizando a ideia de Ito, a autora afirma que na verdade, não existe uma necessidade de abolir as políticas externas visando o controle dos que entram e dos que saem do país. Na verdade, a real necessidade se encontra em tornar essas políticas mais justas, tanto para a população nativa, quanto para aqueles que migram.

Ao analisar o fenômeno da migração internacional, um importante debate a ser levantado é sua relação com o processo de globalização. Compreender que o mundo globalizado está diretamente ligado com a maneira que os fluxos migratórios funcionam (ou deixam de funcionar), é uma das principais ideias debatidas nos trabalhos acadêmicos nos dias de hoje.

Martine (2005) é um dos principais autores quando se trata do debate entre globalização e migração. Para o autor, existe no mundo uma globalização parcial e inacabada, ou seja, de acordo com o autor, a globalização não cumpre sua promessa de um “mundo sem fronteiras” e da real integração econômica mundial, sendo apontado por ele como uma das motivações para o pouco ou nulo crescimento de certos países. Isso permite compreender que, tais países de baixíssimo crescimento econômico, se tornaram como foi afirmado anteriormente com base nas discussões de Santos e Silveira (2001), como espaços opacos.

A principal crítica feita por Martine, é que a globalização não cumpre sua promessa. O autor demonstra isso ao citar que, no mundo globalizado onde o capital e a mercadoria circulam livremente pelo espaço, a mão de obra possui uma dificuldade imensa para se deslocar. Porém, como é apontado por ele, por mais que o ato de migrar esteja relacionado às vezes, com dificuldades econômicas, o não migrar não caracteriza necessariamente uma boa qualidade de vida.

Entre aqueles que trabalham com a temática “migração” – possivelmente porque observam de perto os sofrimentos que afligem a população migrante – encontra-se frequentemente uma postura de rejeição à migração e um entendimento de que este é um processo a ser minimizado e reduzido. Esse tipo de sentimento é antigo e persistente, mas pouco prático no contexto do século 21. É preciso reconhecer que a não-migração também é associada à pobreza, à miséria, à violência e a todas as formas de exploração comumente relacionadas com a migração – muitas vezes de modo ainda mais exacerbado. (MARTINE, 2005, p. 4).

Martine afirma também, que é um fato a globalização desempenhar um importante papel no mundo atual. O Meio Técnico Científico Informacional de Santos (2000), apresenta para o mundo uma maior velocidade de transporte, comunicação e desenvolvimento. Aos países que possuem acesso de fato a esses recursos, a mão de obra é uma das principais necessidades, e que muitas das vezes, é suprida pelos migrantes.

Dessa forma, Martine (2005) também aponta que, o crescimento financeiro e comercial internacional, também apresenta uma imposição do produto mundial em detrimento do local ou nacional. Isso faz com que cada vez mais, os indivíduos de países em desenvolvimento tenham que vender sua força de trabalho para integrarem a vontade do capital.

O autor afirma, portanto, que “A migração internacional é resultado das desigualdades entre países – e a globalização acentua essas desigualdades” (MARTINE, 2005, p. 5). Isso fica evidente quando se analisa a maneira com que os países hegemônicos utilizam da mão de obra para suprir não a necessidade “global”, mas sim para favorecer o próprio interesse, movido pelo modelo de produção capitalista. Porém, é importante compreender como essa desigualdade, na verdade, depende da vontade internacional, e não apenas nacional.

É interessante colocarmos na discussão o estudo de Santos (2000), pois a sua percepção sobre globalização é chave para entender o que Martine (2005) discute. Para Santos (2000), a globalização se dá em 3 faces, a *globalização como fábula*, *globalização como perversidade* e *globalização como possibilidade*.

Ao afirmar a existência da *globalização como fábula*, Santos (*idem*) busca explicar que, apesar do grande avanço das técnicas no mundo globalizado, ainda assim, não são todos que fazem parte dessa dinâmica. Dessa forma, o geógrafo explica como a globalização que se é falada não passa de uma fábula, uma fantasia criada pelo império do dinheiro.

Fala-se, por exemplo, em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. A partir desse mito e do encurtamento das distâncias – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos. É como se o mundo se houvesse tornado, para todos, ao alcance da mão (SANTOS, 2000, p. 9).

Assim, como afirma o autor, a globalização não está de fato ao alcance da mão de todos. Dessa forma, entra a questão da *globalização como perversidade*, que como afirma Santos (*idem*), remete que a competitividade do mundo globalizado fez com que ações hegemônicas ganhassem espaço (através da unicidade da técnica, convergência dos momentos e conhecimento do mundo), resultando em diversos impactos ressaltados por Santos (*ibidem*), como por exemplo,

O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção (SANTOS, 2000, p. 10).

Por fim, Santos (2000) afirma que existe uma maneira de tentarmos sair da perversidade da globalização, através do que ele chama de *globalização como possibilidade*. Quando usa da palavra possibilidade, o geógrafo remete a justamente uma alternativa para a fábula da qual se trata a disseminação da globalização. Assim, através das mesmas características da globalização (unicidade da técnica, convergência dos momentos e conhecimento do mundo), poderia ser criada uma globalização mais humana.

Quando compreendemos a Globalização por Santos (2000), é possível entender que, em um mundo onde existe uma globalização de tamanha perversidade a migração seja um fenômeno recorrente. Cada vez mais, na tentativa de escapar dessa perversidade, as pessoas deixam seus países de origem em busca de melhores oportunidades, de outras possibilidades, nos países de destino.

Novamente com Martine (2005), no mundo globalizado, existe a diferença entre o discurso político e as políticas de fato materializadas em ações. Por mais que muitos países defendam o livre comércio, esse só se aplica de fato nos países desenvolvidos, através do que aponta o autor como medidas protecionistas advindas desses países desenvolvidos. Dessa maneira, como afirma Milanovic (1999 *apud* MARTINE, 2005, p. 6), o imperialismo faz parte do mundo globalizado de forma integral.

Portanto, quando se aborda a questão da abertura das fronteiras, fica claro como os países que são beneficiados, são os desenvolvidos. Isso se daria pois, são eles que realmente necessitam dessa força de trabalho vendida pelos migrantes, e, são os países capazes de oferecer oportunidades de trabalho para essas pessoas. A influência exercida também por países em outras nações denota o interesse do capital e sua capacidade de criar fluxos migratórios para alimentar sua produção.

É conveniente esquecer que tais dirigentes eram, muitas vezes, meros títeres colocados e apoiados no poder pelos países hegemônicos. Também o mundo se esquece de que os líderes dos países em desenvolvimento eram estimulados a contrair tais empréstimos em conivência com os interesses políticos e econômicos dos donos do dinheiro. As agências frequentemente emprestavam dinheiro por razões que pouco tinham a ver com o “apoio ao desenvolvimento”. Na época da Guerra Fria, procuravam assegurar alianças geopolíticas. (MARTINE, 2005, p. 7).

O aumento de fluxos vindo através da globalização, não é apenas o de pessoas e mercadorias. O fluxo de informações também aumenta, e dessa maneira, atingem pessoas que procuram uma melhor qualidade de vida. Dessa forma, o crescimento e a facilidade com que a informação se espalha no mundo globalizado tornou os países hegemônicos atrativos para aqueles que procuravam melhores condições, aumentando assim fluxos migratórios.

Isso pode ser observado nas correntes migratórias da atualidade. No caso dos imigrantes haitianos em Andradas, poder-se-ia atribuir que, o fato de alguns haitianos que já haviam se instalado no município, devido a facilidade com que a comunicação é feita nos dias de hoje, tenha aumentado o fluxo de outros imigrantes haitianos para o município, através de seus interesses e motivos subjetivos.

O grande problema da migração no mundo globalizado, apontado por Martine (2005), é que por mais que a globalização seja um estímulo para migração internacional

não é acompanhado por um aumento correspondente de oportunidades porque os países que atraem migrantes bloqueiam sistematicamente sua entrada. O “Mundo Sem Fronteiras” é parte da definição da globalização, mas não se aplica ao movimento de pessoas. (MARTINE, 2005, p. 8).

Outro importantíssimo apontamento feito pelo autor, é como na verdade o livre comércio, mesmo em países como os Estados Unidos, na verdade se encontra parcialmente em funcionamento. As políticas que países como os EUA e outros na Europa possuem de restrição de trabalhadores migrantes, faz com que contradiga a ideia de um mundo sem

fronteiras imposta no ideal do livre comércio. O autor também destaca como seria grandemente vantajoso facilitar a mobilidade desses trabalhadores, pois moveriam a economia mais facilmente (tanto no país de origem quanto no de destino), ao mesmo tempo que geraria desenvolvimento.

Ainda com Martine, pode-se notar que ao abordar a questão migratória da América Latina e Caribe, o autor leva em conta fatores adjacentes aos problemas enfrentados pelos migrantes. Um exemplo disso, é que ao comparar a renda entre hispânicos, afro-americanos e brancos, os brancos são os que possuem renda maior, seguidos pelos hispânicos e afro-americanos. Assim, o autor afirma que essa diferença está atrelada a questões como a língua e o nível educacional do migrante.

O autor, portanto, em vista da reflexão por ele feita, propõe analisar as vantagens e as desvantagens dessa migração internacional. Para isso, o autor reflete que, mesmo sabendo que a entrada de migrantes pode causar uma melhora na economia (pois eles movimentariam a economia e aumentariam a produção), por que ainda assim há tanta dificuldade para serem acolhidos no país? O motivo seria porque

os países mais ricos, que são o destino preferencial dos migrantes, consideram que a entrada massiva de migrantes lhes seria prejudicial. Não seria realista imaginar uma súbita abertura escancarada de todas as fronteiras internacionais à migração. Sem dúvida, seria o caos para o sistema mundial tal como o conhecemos. Entretanto, uma entrada mais alentada de migrantes (digamos, em torno de 3% a 4% das respectivas forças de trabalho dos países de maior dinamismo econômico) seria perfeitamente viável e, segundo a lógica predominante, altamente benéfica. (MARTINE, 2005, p. 11).

Dessa forma, a migração pode ser avaliada como uma “faca de dois gumes”. Martine aponta que, mesmo em meio de muitas vantagens, a migração pode apresentar riscos para os países de origem, principalmente a longo prazo. Também, vale ressaltar como a migração se torna perigosa para os indivíduos, devido a tráfico de crianças, violências sexuais, narcotráfico, entre outros. Como afirma Pellegrino (2003 *apud* MARTINE, 2005, p. 11)

Também as consequências são diferentes nos curto e longo prazos. No curto prazo, a migração pode servir como “válvula de escape”, aliviando as pressões sobre o mercado de trabalho e trazendo o dinheiro muito necessitado para as famílias. No longo prazo, a perda de trabalhadores mais qualificados, assim como da população jovem, e a dependência sobre as remessas podem constituir obstáculos para o desenvolvimento (PELLEGRINO, 2003 *apud* MARTINE, 2005, p. 11).

Por outro lado, o autor afirma que, ao se instalarem no território, os imigrantes criam redes que facilitam a vinda de seus conterrâneos (MARTINE, 2005), tornando assim o ato de

migrar levemente mais seguro. Como destaca o autor, conhecer o mercado de trabalho e a dinâmica do país de destino ajuda na instalação desses novos imigrantes.

Outro importante aspecto mencionado por Martine é que a migração promove equidade de gênero. É possível compreender que a necessidade de trabalhar e oferecer uma melhor qualidade de vida para a família, faz com que o “gênero apareça como algo neutro” (MARTINE, 2005). Dessa forma, quando usa da palavra “neutro”, o autor refere que tanto homens quanto mulheres buscam trabalho, abandonando em muitos casos a ideia retrógrada de que o homem trabalha e a mulher cuida da casa.

Isso fica evidente quando analisamos o caso dos imigrantes haitianos em Andradas, relacionando os dois assuntos acima. O fato de muitos homens, pais de família, terem vindo pioneiramente para Andradas, fez com que o restante de suas famílias e outras famílias, amigos, entre outros, sentissem segurança para virem ao Brasil. Também, ao chegar aqui a mulher não restringe suas atividades ao trabalho doméstico, pois a necessidade de prover uma melhor qualidade de vida para a família faz com que elas busquem se inserir no mercado de trabalho.

Como também fica claro, Martine destaca que, apesar dos fatores negativos provenientes da migração internacional (principalmente pela exploração advinda do capital), os benefícios da migração são muito maiores. O quadro 3 demonstra como essas vantagens não se concentram apenas nos países receptores, mas também nos de origem.

Por mais que os países emissores muitas vezes sofram com a chamada “fuga de cérebros”, o autor afirma que esse número não é tão grande ao se relacionar com o restante da população educada, dado obtido no estudo de vinte e quatro países (ADDAMS, 2003 *apud* MARTINE, 2005, p. 16). Dessa forma, se o país de origem não consegue alocar sua mão de obra qualificada, Martine (2005) afirma que as remessas por eles enviadas serão mais importantes do que sua estadia no país.

Cabe ressaltar que essa migração cria redes que auxiliam no desenvolvimento desses países, promovendo assim uma capacitação tecnológica de seus emigrantes (MARTINE, 2005). E ainda com Martine, o autor afirma que essas relações permitem com que, caso a situação no país de origem melhore, eles podem voltar. Isso é perceptível também no grupo um de Ferreira (2007), mostrando que existem vontades migratórias diferentes para cada grupo de migrantes e que variam de acordo com sua inserção no país de destino.

Para os países receptores, a migração é vista muitas das vezes como um empecilho para a economia. A população nativa possui, em vários casos, uma dificuldade de aceitar o

migrante, causando ondas de xenofobia, racismo e marginalização dos mesmos. Porém como citado anteriormente, é preciso entender que no mundo globalizado, essa mão de obra migrante desempenha papel essencial.

Ao contrário do que muitos nativos pensam, os migrantes não “roubam” seus empregos. Como afirma Martine (2005)

No que se refere à alegação de que os migrantes competem no mercado de trabalho com a população natural, deprimindo assim os salários, é preciso qualificá-la. Na realidade, grande parte dos migrantes não-qualificados ocupa os espaços que a população natural já não quer ocupar, seja por tratar-se de trabalhos duros ou pesados, mal remunerados ou de prestígio social reduzido. Muitos dos migrantes são, na realidade, sobre qualificados para os empregos que ocupam e terminam frequentemente fazendo uma contribuição à produção econômica mais elevada que a população não-migrante. (MARTINE, 2005, p. 17).

Dessa forma, cabe então refletir que na migração internacional, a globalização cria um fluxo forte de idas e vindas de mão de obra migrante. Porém, o principal inibidor desse fluxo é a vontade do capital que é alimentada pelos países hegemônicos. Mesmo com a necessidade de entrada desses imigrantes, preferem criar políticas externas rigorosas que combatam sua entrada.

Quadro 3: Vantagens da Migração Para os Países de Origem e de Destino

País de Origem	País de Destino
Migrantes conseguem enviar remessas para seus familiares.	Mão de obra para atender as necessidades geradas pelo capital.
Cria ligações com os grandes países.	Ajudam a movimentar a economia.
Permite a troca de informação no possível retorno do migrante.	Ocupam trabalhos que os nativos não se interessam, por serem de status “baixo”.

Fonte: Martine, (2005). Org.: João Vitor de Freitas.

Além disso, Martine (2005) retrata como a vinda dos migrantes serve não somente para trazer mão de obra. A cultura vinda do migrante, ao entrar em contato com a cultura do país de origem, pode gerar um enriquecimento cultural. No Brasil, um país com uma cultura tão diversificada, a cultura do imigrante haitiano, por exemplo, não serviria como uma

maneira de “apagar a cultura brasileira”, mas sim de torná-la mais rica. Além disso, permitir que a cultura migrante seja expressa de maneira mais aberta, possibilita que esse migrante utilize o território de maneira mais livre.

Portanto, é como afirmou o autor acima citado, é muito mais viável compreender as vantagens vindas da migração internacional, tanto para os que recebem, quanto para o próprio migrante (MARTINE, 2005). É fato que, mesmo não atingindo todos os países, a globalização se faz presente no mundo, e os que não fazem parte dela, buscam incansavelmente maneiras de se integrar. Dessa forma, cabe compreender como a migração não vem para o mal. Políticas que visam tanto o bem nacional quanto o da migração podem favorecer economicamente e socialmente o território em questão.

Portanto, ao analisar essa relação exposta por Martine da globalização, seu desenvolvimento e sua influência na migração atualmente, cabe discutir, no momento, o Brasil no contexto da migração internacional. Para isso, Patarra (2005) é uma das pensadoras que permite uma abordagem mais focada no tema.

A autora, logo no início de seu escrito, retrata o assunto anteriormente discutido, sobre a influência da globalização nos fluxos migratórios no mundo atual. Ou seja, as transformações políticas, econômicas, sociais, demográficas e culturais que vêm acontecendo desde a década de 1980 (PATARRA, 2005), são provenientes do intenso processo de globalização e produção capitalista.

Também aponta a autora que, hoje em dia, o principal problema na distribuição da população pelo espaço está nas questões de políticas internas e externas. O Brasil, um país de grande extensão territorial, necessita que medidas internas e externas beneficiem essa mobilidade espacial

Outro importante aspecto, falado pela autora, é sobre como após o atentado do 11 de Setembro de 2001, ocorrido nos Estados Unidos, as questões sobre políticas dos países quanto à migração e refúgio se tornaram mais rigorosas. Esse fenômeno, além de alimentar preconceitos como a xenofobia, também fez com que no plano nacional, fossem escolhidos quais países iriam se desenvolver e quais não (PATARRA, 2005), ou seja, quais seriam explorados pelos países hegemônicos.

Também, ressalta a autora que devido a isso, os países da América do Sul desenvolvem políticas econômicas e sociais que variam desde ideias neoliberais, quanto ideais de cunho social. Esse exemplo fica claro no Brasil através de Martine (2005), que

ressalta a trajetória política do governo pós-ditadura, de José Sarney, até o de Luís Inácio Lula da Silva.

Assim, Patarra destaca oito importantes tópicos para compreensão do debate migratório brasileiro. O primeiro tópico remete a questão das motivações migratórias no Brasil, sendo elas ligadas a nível internacional, como por exemplo a necessidade de mão de obra, a pobreza, entre outros. O segundo tópico e o terceiro andam juntos. A autora os descreve como não ocorreu uma “inversão de tendência” migratória no Brasil

Dessa forma, o Brasil nunca deixou de ser, como é possível identificar no modelo teórico de Ravenstein (1980), um espaço de atração para se tornar um de repulsão. Patarra (2005) afirma que o Brasil atualmente possui uma característica migratória nunca vista antes no território. Dessa forma, ele se torna completamente oposto dos movimentos anteriores.

O quarto tópico por ela mencionado, afirma que com exceção dos “Brasiguaios” (PATARRA, 2005), os mais atingidos na migração internacional são de classe média e jovens adultos. O quinto tópico relaciona como, após o governo Collor, a questão social é tratada como diretamente ligada ao processo da globalização.

O sexto e sétimo tópicos também se relacionam, pois, a migração para fora do Brasil, motivada principalmente pela busca por melhores condições em países como os Estados Unidos e Japão, estão relacionados com o atual quadro da globalização (levando em conta que essas pessoas aceitam trabalhos de status inferiores aos seus em seu país de origem).

Porém, o Brasil também se beneficia da chamada “invasão de cérebros” (PATARRA, 2005), vinda dos países vizinhos, principalmente da América do Sul. Esse fluxo de estrangeiros para o Brasil mostra como o capital move a busca por países em desenvolvimento capazes de fomentar a vontade de se inserir na dinâmica da produção capitalista.

O oitavo e último tópico tratado pela autora é de como as remessas, principalmente as vindas do Japão, produzidas pelos *dekasseguis* (FERREIRA, 2007), eram um dos grandes responsáveis pelos investimentos e movimentos financeiros do Brasil, já que muitos utilizavam dessas remessas para compra de casas, automóveis, entre outros.

A autora também ressalta que existem três tipos de migrantes internacionais, sendo eles os migrantes documentados, os não-documentados e os refugiados/asilados. As propostas feitas pela autora envolvem principalmente o que necessita ser tratado para cada um desses grupos, como aos não-documentados, implementação de políticas que visem reduzir esse número e facilitar o acesso a documentação, para os documentados, tratá-los da mesma

maneira com que tratam os demais habitantes do país, e aos refugiados, aumentarem o apoio às atividades internacionais que buscam proteger os refugiados (PATARRA, 2005).

Afirma ainda que para os documentados, o governo deveria conceder tanto ao indivíduo quanto à sua família, o tratamento idêntico ao atribuído para a população nativa. Quanto aos não-documentados, caberia tentar reduzir seu número, porém não da maneira com que países hegemônicos vem fazendo, através de políticas externas rígidas, mas sim da facilitação para a obtenção dos documentos. Esse quesito também se aplica aos refugiados/asilados, pois medidas como essas auxiliariam na diminuição de problemas como xenofobia (PATARRA, *idem*).

2.2 O Brasil no Contexto da Migração Internacional

Dessa forma, cabe discutir a grande dificuldade enfrentada por esses migrantes no Brasil. A dificuldade para obtenção dos documentos, é um dos motivos que alguns imigrantes haitianos não conseguem entrar de imediato no território brasileiro. A entrada clandestina dentro do país faz com que o uso do território desse migrante se torne completamente limitado, pois sua própria liberdade é limitada.

Esse conjunto de dispositivos caracteriza o Brasil como um dos países mais restritivos quanto à imigração de estrangeiros. É interessante considerar as discussões a respeito no âmbito do governo do Mercosul, onde houve tentativas para harmonizar as políticas migratórias dos países-membros com vistas à livre circulação de trabalhadores no contexto da abertura comercial; nesse fórum, a posição brasileira tem-se mantido inalterada. (PATARRA, 2005, p. 31).

Dessa forma, a dificuldade de acessos a serviços públicos no Brasil faz com que esses migrantes possuam uma imagem cada vez mais marginalizada, como por exemplo, a falta de documentação impede que uma criança seja matriculada. Os migrantes, portanto, sofrem a consequência do ato de migrar devido à falta de acolhimento do governo no país de origem, devido a políticas internas e externas que os protejam.

Não podemos deixar de citar também Santos (1988), pois de acordo com o autor, a migração está relacionada com a questão econômica. A migração é impulsionada por uma busca na melhora da qualidade de vida, fazendo com que o capitalismo crie uma necessidade de locomoção no espaço, na busca dessa melhoria. Também, a influência do capital está justamente na limitação dessa locomoção. Por mais que alguns possuam condição para voltar

para seus países de origem, como destaca o segundo grupo de Ferreira (2007), alguns acabam ficando no país de destino, devido à falta de condições para retornar.

Outro importante apontamento de Santos (2000) está na questão do tempo e espaço contraídos, resultantes da impulsão da globalização. Assim como destaca Martine (2005), Santos (2000) ressalta que o Meio Técnico Científico Informacional (MTCI) faz com que cada vez mais os indivíduos estejam sujeitos às dinâmicas do mundo globalizado, acelerado, fluído. Isso resulta em cada vez mais o aumento do fluxo migratório para satisfazer a necessidade de mão de obra dessa fluidez do capitalismo, do MTCI.

Souza (2003) afirma que o território não possui mais apenas a função político administrativo ou espaço efetivamente utilizado, pois também possui um importante papel na formação brasileira, pois escancara um fenômeno denominado Geografia das Desigualdades, que não se mantém apenas no território, mas também no Lugar, Região e em todo o espaço geográfico, e denota a crítica feita por Milton Santos de uma globalização perversa.

Dessa forma, a influência na migração ocorre justamente por questões que envolvem não somente a vontade própria, mas as condições que são impostas para os migrantes. Essas condições, que fazem parte de suas vidas, acontecem devido às políticas tomadas pelo governo, tanto em âmbito nacional quanto internacional, assim, políticas que negligenciam as necessidades do povo fazem com que a vontade de migrar (pela busca de melhores condições) aumente.

Ainda de acordo com Souza (*idem*), o território da rapidez manda e o da lentidão faz, sendo assim, o primeiro comanda o território inteiro, enquanto o segundo apenas obedece. De tal maneira, a rapidez corresponde ao território onde se possui mais veículos, transportes e gera uma maior relação econômica e social. Souza (*ibidem*) afirma que rapidez e fluidez são características da sangria do território e se diferem de divisão territorial do trabalho, pois são na verdade, do interesse hegemônico do Estado.

Isso remete a outra questão, que é também levantada por Porto (2021), que revela uma condicionante migratória, onde os imigrantes não saem de seus países de origem somente por risco de morte, mas também por limitações ao uso do território. Dessa forma, Souza (2003) torna compreensível que, devido ao uso do território de maneira excludente (favorecendo a rapidez e fluidez em detrimento da necessidade popular), fazem com que os indivíduos sintam a necessidade de migrar.

Portanto, para ampliar a discussão acerca da imigração haitiana para o Brasil, é necessário antes conhecer também os fluxos migratórios em geral que aqui se territorializam.

Os fluxos migratórios fazem com que o Brasil seja um país, que durante o século XXI, se destaque por um aumento das taxas de imigração, ao contrário do século XX, onde se notava alta taxa de emigração.

3 QUADRO GERAL DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL PARA O BRASIL E A CHEGADA DOS HAITIANOS

A descrição feita sobre os condicionantes migratórios e o estudo da questão dos deslocamentos populacionais ao longo do estudo da geografia é de extrema importância para que se possa discutir sobre como a migração ocorreu e ainda ocorre no Brasil, principalmente dos fluxos ocorridos a partir do início do século XXI.

De tal maneira, é necessário que se faça uma análise de dados para compreender a migração para o Brasil, não somente dos imigrantes haitianos que moram em Andradas, mas do contexto geral dos estrangeiros que aqui passam a residir. É interessante destacar, antes de abordar essa questão, a Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017 (Lei de Migração formulada pelo Brasil). Nela, é descrito quem é considerado um migrante, imigrante, emigrante, refugiado, entre outros, assim como os direitos previstos para cada um. Por mais que seja considerada uma lei recente, ela auxilia na compreensão das migrações para o Brasil, pois através dela conseguimos identificar como estão sendo politicamente tratados as questões de migração e refúgio.

É também de grande importância ressaltar como na segunda metade do século XX e início do século XXI, o mundo passou pelo “boom migratório” (UEBEL e RUCKERT, 2017), identificado principalmente nos EUA e na Europa, principalmente devido ao alto crescimento da globalização. Os autores afirmam também que o Brasil, até o ano de 2011, não recebia uma grande quantidade de imigrantes internacionais como os países identificados por ele (EUA e boa parte dos países europeus), e dessa forma, houve um aumento no número de imigrantes internacionais a partir de 2014.

É importante esclarecer que, mesmo com o aumento do fluxo migratório para o Brasil se dando a partir de 2014, o país acolheu uma grande quantidade de migrantes durante seus primeiros quinhentos anos, como apontado por Porto (2021). Desde 1539 durante a colonização do Brasil, é possível ver uma grande quantidade de grupos migratórios distintos, como por exemplo portugueses, italianos, haitianos, japoneses, africanos, entre outros grupos.

Porém, no contexto sul-americano do século XXI, o Brasil foi o país que mais recebeu imigrantes internacionais.

Apesar do Brasil não aparecer neste ranking oficial, ao analisarmos os “International Migration Reports” de 2013 e 2015 da Organização das Nações Unidas, percebe-se o posicionamento do Brasil logo após a Espanha no crescimento percentual do contingente imigratório para o mesmo período. Dentro do contexto sul-americano,

foi o país com maior crescimento nas taxas de imigração entre 2000 e 2010 (Organização das Nações Unidas, 2013; id., 2016). (UEBEL e RUCKERT, 2017, p. 9).

Dessa forma, o Brasil acabou se tornando, como mencionado anteriormente, um país luminoso para a América Latina, conceito baseado em Santos & Silveira (2001). Ainda de acordo com os autores, esse aumento de imigrantes em 2014 para o Brasil foi mais percebido entre os países da América Latina, se comparado a situação da Bolívia, Argentina, Chile e Peru, por exemplo.

É de extrema importância destacar como Uebel e Ruckert (2017) afirmam que existem no século XXI, quatro grupos de fluxos migratórios para o Brasil de maior destaque. O primeiro grupo destacado, são os de imigrantes portugueses, japoneses, italianos, norteamericanos, britânicos, alemães e de outras nacionalidades, que como afirmam os autores, são reconhecidas por formarem mão de obra qualificada, e que após a crise de 2007 e 2008, os países de origem (Portugal, Inglaterra, Japão, entre outros) não conseguiram suprir as necessidades de emprego demandadas pela sua população.

O segundo grupo abordado é formado por migrantes que chegaram de países vizinhos e próximos ao Brasil, como por exemplo Bolívia, Argentina, Uruguai, Chile, Peru, Colômbia e Paraguai (UEBEL, RUCKERT, 2017). Os autores afirmam que o principal motivo para imigração desses países para o Brasil se dá pela busca por oportunidades que muitas vezes não conseguem encontrar em seus países. Afirmam também que a mobilidade desses grupos e a motivação para migração é distinta, já que depende diretamente da classe social e do acesso aos produtos e informações que possuem.

Esses diversos níveis de mobilidade variam de acordo com as classes sociais, os produtos e as informações. (Bárbara, 2005). Nesse sentido, ainda que Paraguai, Argentina e Bolívia sejam próximos, por exemplo, as motivações de imigração dos cidadãos destes países são diferentes num contexto sob a rede local-regional, e similares quando numa análise de redes geográficas internacionais do trabalho (UEBEL e RUCKERT, 2017, p. 7).

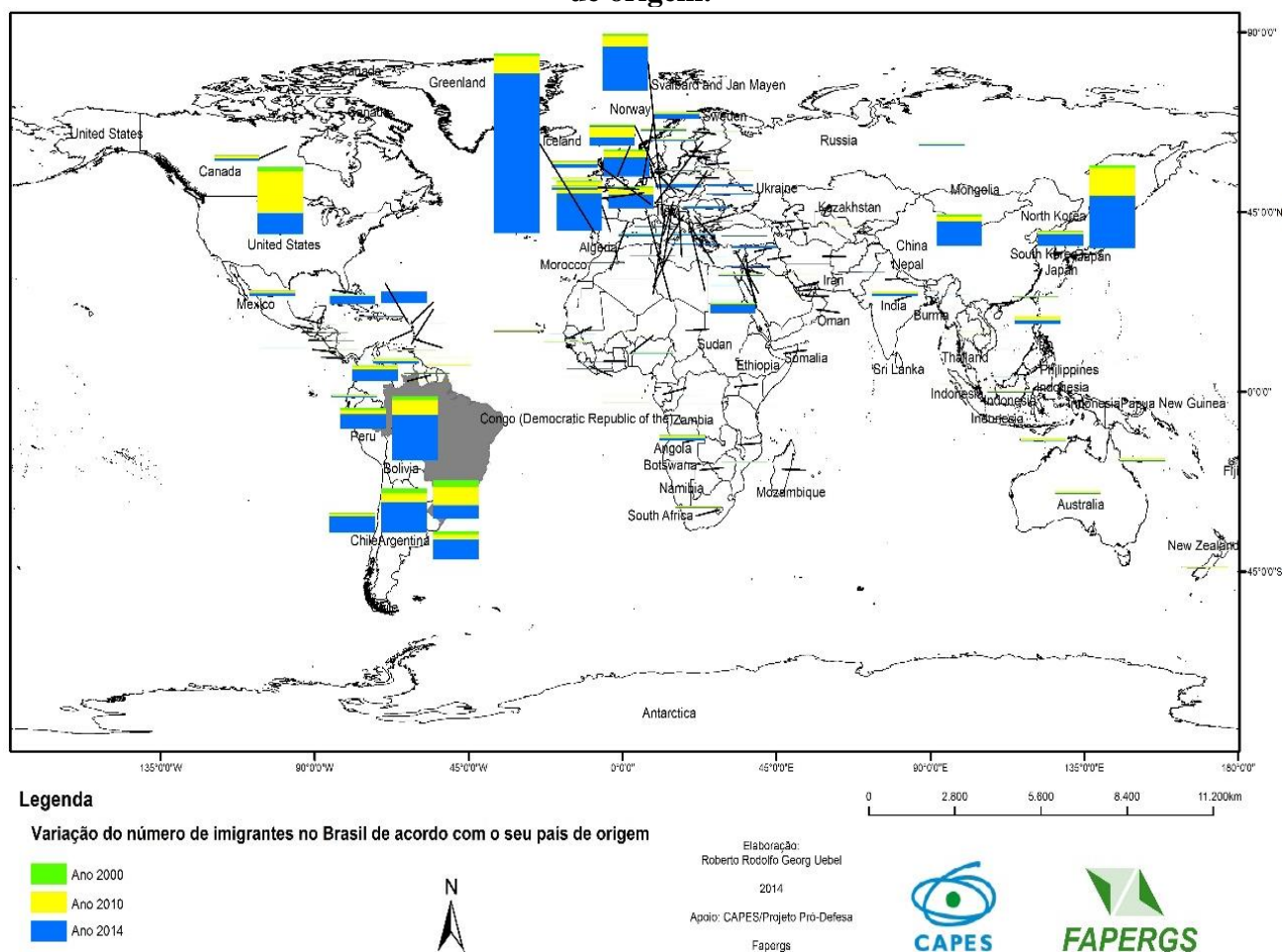
O terceiro grupo de imigrantes vem de Portugal, Espanha e Itália. A motivação para a migração, apontada por eles, se daria principalmente na questão de que esses países, após passarem por uma intensa crise ocasionando desemprego e estagnação econômica (UEBEL e RUCKERT, 2017), escolhem o Brasil devido aos seus laços históricos de migração com o país.

Ainda de acordo com Uebel e Ruckert (*idem*) existe um quarto grupo, no caso sendo formado apenas por um país, sendo esse o Haiti. Como afirmam em seu trabalho, o Brasil

possuía um número muito pequeno de imigrantes haitianos no ano de 2000, porém a partir de 2010 esse número começa a aumentar gradualmente, e então 2014, onde esse número passa dos 20.000 imigrantes. Assim, como pode-se observar na Figura 01, é provável que uma parte considerável dos imigrantes que estavam no Brasil, fossem de origem haitiana.

Afirmam, portanto, que por mais que o Haiti tenha vivido uma intensa Guerra Civil que durou anos, o terremoto lá ocorrido em janeiro de 2010 foi o que realmente ocasionou a imigração em maior quantidade de haitianos, e que encontraram no Brasil uma nova chance de recomeçarem suas vidas (UEBEL e RUCKERT, *IDEM*).

Figura 01: Variação do número de imigrantes no Brasil de acordo com seu país de origem.



Fonte: Uebel, 2016

Outro interessante autor que discute a questão migratória ao Brasil no século XXI é Câmara (2014), que debate em sua tese os fluxos migratórios para o Brasil a partir do ano 2000, principalmente através de entrevistas com pesquisadores e pessoas que trabalham acerca do tema migração.

O autor inicia sua tese afirmando que, no século XX o Brasil não havia presenciado um fluxo migratório intenso, e com a chegada do século XXI e com a crise econômica de 2007 e 2008, a migração se intensificou, denotando os grupos migratórios vindos para o Brasil e suas características.

Como afirma Câmara (*idem*), esses fluxos migratórios podem ser identificados ao se analisar os trabalhadores imigrantes que estão inseridos no mercado de trabalho brasileiro. Também mostra que, a partir de 2013 e 2014, o número de imigrantes trabalhadores em empregos informais aumentou, indicando que o governo brasileiro tentou criar políticas destinadas a melhorar a vida desses imigrantes no território brasileiro.

Um exemplo dessas políticas foi a reformulação da Lei de Migração do Brasil, em 2013 (PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 288, DE 2013), que posteriormente se tornou Lei em 2017. Frente ao aumento do fluxo migratório no país, o Brasil tem buscado através dessa Lei uma tentativa de controlar a entrada de estrangeiros e melhor atender as necessidades dos mesmos. Porém, mesmo contendo no documento questões como repúdio à xenofobia e a violência contra imigrantes, o governo não garantiu de fato a segurança e a inserção social desses imigrantes, fazendo com que a lei tenha apenas efeito em papel.

De acordo com Cavalcanti; Oliveira; Tonhati, 2014 (*apud* CÂMARA, 2014),

[...] os trabalhadores imigrantes aumentaram, entre os anos 2011 e 2012, em 19% a sua presença no mercado de trabalho formal brasileiro, passando de 79.578 em 2011 a 94.688 em 2012. Por sua vez, entre os anos 2012 e 2013, o aumento foi de 26,8%, passando de 94.688 para 120.056. No acumulado de 2011 a 2013, o número de imigrantes no mercado de trabalho formal cresceu 50,9%, denotando forte incremento (p. 68).

Dessa maneira, o autor elabora uma pesquisa documental, a qual busca responder questões que abrangem a vida dos imigrantes no Brasil, como por exemplo, quais países enviaram mais imigrantes, quais foram as principais motivações para migrar, qual as percepções do governo brasileiro quanto à chegada desses imigrantes, entre outros (*idem*).

Cabe citar ainda que na tese do autor acima citado, há duas fontes de informação, sendo uma delas as ocorrências em *verbalização*² com entrevistados, onde consegue destacar os principais grupos de imigrantes no Brasil, sendo eles haitianos,² peruanos, bolivianos, paquistaneses, bengalis, senegaleses, ganeses e congolezes, afirmando também que existe uma forte motivação econômica por trás dessas migrações.

² Por *verbalização*, Câmara (2014) se refere a entrevistas e conversas feitas com indivíduos que estão envolvidos no estudo da migração.

Esses grupos de migrantes, como apontam na *verbalização* da pesquisa, têm motivações distintas (por serem de países distintos), e os perfis podem ser notados pelos empregos adquiridos por esses migrantes. Dessa forma, é possível identificar imigrantes europeus, com mão de obra qualificada, em cargos mais altos, enquanto imigrantes da América do Sul, com mão de obra não qualificada, ocupam posições menos remuneradas.

A outra fonte de informação utilizada pelo autor permite compreender as motivações das migrações de uma melhor maneira, pois se trata de ocorrências em documentos internos, que como aponta Câmara (*idem*), está relacionado com a busca por empregos e renda pelos migrantes, assim como o aumento da demanda de mão de obra no Brasil.

O autor também aponta como o Brasil até 2004, era um país onde os fluxos se tratava mais de emigrações do que de imigrações, principalmente devido à busca por melhores oportunidades de trabalho (*idem*), como o caso dos dekasseguis, citado anteriormente. A crise econômica de 2008, portanto, foi um fator que reverteu esses fluxos.

De tal modo, o autor conclui que o Brasil possuiu um período de crescimento claramente notável pelos países do mundo todo, e por isso, tornou-se um grande atrativo, como já mencionado, um país luminoso. O período de dinamismo econômico presenciado pelo Brasil de 2010 a 2014, com aumento das ofertas de emprego e renda, o tornou um atrativo dos fluxos migratórios (*idem*).

Uma maneira mais clara de expressar a informação sobre os fluxos migratórios para o Brasil é através do uso de dados numéricos, que são capazes de nos fornecer uma noção da quantidade de imigrantes que aqui residem. Em sua pesquisa, Fernandes (2015) mostra que o censo demográfico é a fonte mais abrangente de informação, demonstrando isso através dos dados sobre o crescimento do “estoque” de estrangeiros no Brasil, no ano de 2000 e 2010. A Tabela 1 consegue ilustrar de uma melhor maneira, como esses dados nos ajudam na compreensão da dinâmica migratória.

Tabela 01 –Estoque de estrangeiros segundo país de nascimento - Brasil, 2000 e 2010

País de Nascimento	2000		2010	
	Volume	%	Volume	%
Portugal	213.203	31,18	137.973	23,28
Japão	70.932	10,37	49.038	8,27
Itália	55.032	8,05	37.146	6,27
Espanha	43.604	6,38	30.723	5,18
Paraguai	28.822	4,21	39.222	6,62
Argentina	27.531	4,03	29.075	4,91
Uruguai	24.740	3,62	24.031	4,06
Bolívia	20.388	2,97	38.826	6,55
Alemanha	19.556	2,86	16.227	2,74
Outros países	180.022	26,33	190.349	32,12
Total	683.830	100,00	592.610	100,00

Fonte: Fernandes, 2015. Org.: João Vitor de Freitas

A importância de trazer esses dados, é justamente compreender o dinamismo da migração para o Brasil, e entender principalmente que a chegada desses imigrantes em território brasileiro, como mencionado anteriormente com Uebel e Ruckert (2017), está diretamente ligada a diferentes motivações (como nos casos dos países da América Latina e Caribe) ou tem relações através de laços históricos (como Portugal, por exemplo).

Dessa forma, Fernandes (2015) ressalta como o crescimento dos fluxos migratórios pode mais uma vez ser visto através de dados relacionados ao registro desses imigrantes. Dessa forma, além da importância da documentação para esses imigrantes em relação a sua inserção como cidadãos, é importante também para que o país possa ter um controle da quantidade imigrantes internacionais em seu país, para dessa maneira elaborar melhores políticas internas e externas. A dificuldade de acesso a essa documentação, causa dificuldade na criação de tais políticas.

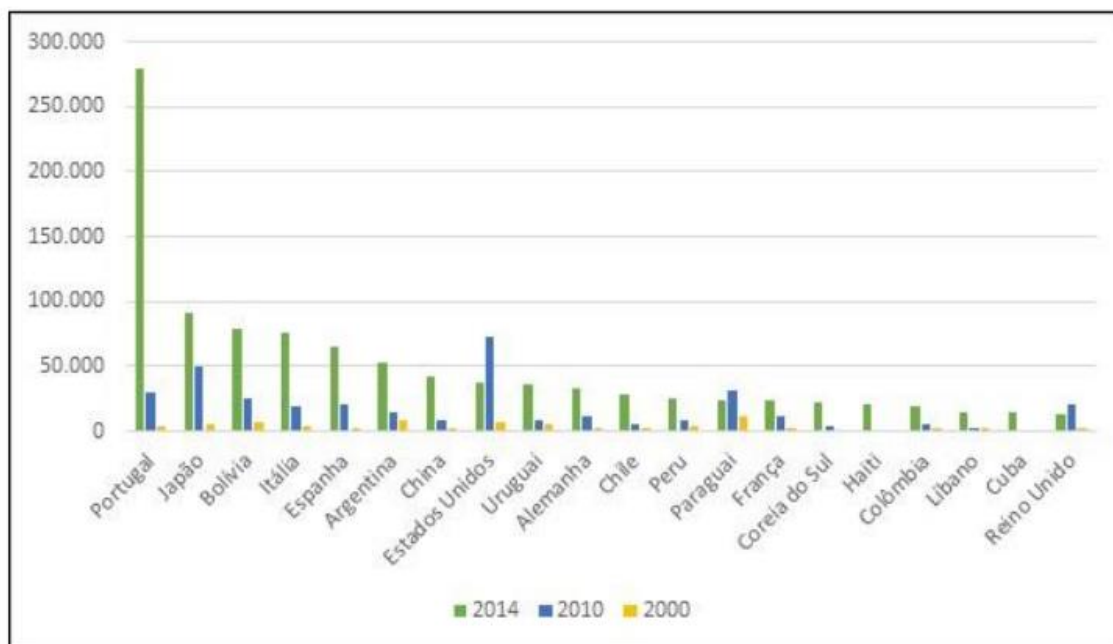
Ao se considerarem as informações disponibilizadas pela Polícia Federal sobre o número de estrangeiros com registros ativos, que indica também o estoque dos imigrantes internacionais, encontra-se que, entre 2006 e 2012, o número de estrangeiros no Brasil aumentou 34,0%, passando de 1.175.353 para 1.575.643. Considerando a imigração que tem por origem os países do Hemisfério Norte, em 2012, o número de portugueses era de 330.860, representando 21,0% do total de imigrantes, seguido pelos de origem japonesa, 133.931, 8,50% do total, italianos, 99.336, 6,30% do total e os imigrantes espanhóis, 83.926, que correspondem a 5,32% do total de imigrantes registrados na Polícia Federal (FERNANDES, 2015, p. 28).

Ainda discorrendo sobre a relação entre dinâmica econômica e migração, Uebel (2016) evidencia como, em sua visão, a questão da mudança econômica da qual o mundo passou durante o século XXI também auxiliou na criação de uma diferente dinâmica migratória para o Brasil, que até então, durante o final do século XX, possuía uma taxa de emigração muito grande, principalmente para países como EUA, Portugal e Japão.

Assim, o autor destaca que a mão de obra qualificada em excesso dos países europeus, que se encontram em uma situação em que não conseguem encontrar oportunidades de em seus países de origem, acabam buscando os "países em ascensão", que podem dessa forma empregar uma mão de obra estrangeira, e que de certa forma, realmente precisam dessa mão de obra, como no caso do Brasil.

Destaca também Uebel (*idem*), que em relação a América Latina, o Brasil representa um polo atrativo, ou seja, chama a atenção desses trabalhadores, pois como mencionado anteriormente, o Brasil emite para esses habitantes de países da América Latina, a ideia de um recomeço e de uma melhor qualidade de vida, atraindo assim considerável número de imigrantes de diferentes formações socioespaciais. A Figura 02 demonstra de uma maneira mais clara a questão desses fluxos migratórios.

Figura 02: Variação de imigrantes no Brasil por nacionalidade - 2014, 2010 e 2000



Fonte: Uebel, 2017

O gráfico elaborado por Uebel (2016), mostra, portanto, que a partir de 2014, o Brasil além de continuar recebendo o fluxo migratório vindo da Europa, também começa a sentir o aumento do fluxo migratório da América Latina e Caribe, denotando dessa forma o crescimento do número de imigrantes no Brasil.

De uma maneira geral, compreendemos que os fluxos migratórios para o Brasil possuem grande diversidade ao longo da história, e continuam em transformação. Para compreendermos melhor a migração haitiana para o Brasil, é preciso antes discutirmos, ainda que brevemente, os fatores que impulsionam a emigração no Haiti, através de um estudo em relação à formação socioespacial haitiana.

3.1 Formação Socioespacial Haitiana e Migração

Para tratar a questão da imigração haitiana, além de compreender os fluxos migratórios e as que os sustentam, é necessário um entendimento sobre o país de origem. Portanto, quando falamos sobre a questão socioespacial do Haiti, é importante conhecer seu funcionamento e suas dinâmicas, considerando seu papel na histórica divisão internacional do trabalho.

Em sua tese, Castro (2014) promove uma discussão em relação à formação do Haiti, no contexto social, econômico e ambiental. Essa discussão levantada pelo autor se estende até os dias atuais e busca introduzir motivações para a maneira com que o Haiti se desenvolveu, buscando compreender os acontecimentos no país e, conseqüentemente, o aumento do fluxo emigratório de haitianos.

Logo no início, o autor trabalha a questão da colonização. O Haiti presenciou um processo severo de colonização, ocasionado principalmente por europeus. Como destaca o autor, os países europeus causaram uma devastação massiva no país, desde a excessiva exploração de recursos, até doenças por eles levadas (CASTRO, 2014).

Também é destacado pelo autor como a primeiro momento se dá ao país o nome de Hispaniola, determinando a grande influência da Espanha do país. Essa grande influência veio acompanhada de um massacre ao povo nativo, que marcou o início do que seria, como afirma Jesus (2020), a reprodução da pobreza. Jesus denota em sua pesquisa como, desde essa época, a colonização espanhola foi dura com os povos nativos e com o país como um todo.

Os espanhóis anexaram a ilha à qual chamaram de Hispaniola (Pequena Espanha) e submeteram os nativos ao trabalho forçado. Introduziram o cristianismo, o trabalho nas minas de ouro e violências de todos os tipos. Além da exploração do trabalho, o assassinato, o estupro, as doenças desconhecidas e a fome forçada reduziram a população estimada em meio milhão para apenas sessenta mil em apenas quinze anos (JAMES, 2000 *apud* JESUS, 2020, p. 67).

Novamente com Castro (2014), é destacado como a resistência dos nativos fez com que fosse necessário a implementação da mão de obra escrava no país. Dessa forma, a economia espanhola da época se baseia no trabalho escravo, e de tal maneira, após séculos de exploração espanhola, o declínio espanhol deu abertura a divisão do país, agora com a parte ocidental dominada pela França.

Como é apontado pelo autor, o crescimento econômico trazido no Haiti pela exploração do território não foi vantajoso para a população (CASTRO, *idem*). Um interessante ponto tratado pelo autor é como os negros eram vistos como indivíduos “sem alma” pelos europeus, ainda sim eram eles os responsáveis por movimentar a produção de cana-de-açúcar, algodão e cacau na região, mercadorias que eram importantes para o mercado europeu.

Para garantia da influência europeia na colônia e principalmente, na intenção de incitar o uso de escravos, foram inventados mentiras, teorias e dogmas que sustentavam a ideia escravagista, tornando-a aceitável e fazendo com que o negro tivesse um valor de mercadoria para a burguesia.

Os povos do “novo mundo”, os africanos, entre outros, não foram considerados inferiores, muito menos “não humanos” ou sem alma em um primeiro momento, mas ocorreu a necessidade de se criar teorias e dogmas que justificasse a escravidão, pois o modelo socioeconômico vigente no período necessitava dessa mão de obra (CASTRO, 2014, p. 19).

Dessa forma, tratando novamente da questão da colonização a partir de Jesus (2020), o autor debate como o termo “Novo Mundo”, utilizado para descrever os países da América pelos europeus após seu descobrimento, serviu também para reforçar o domínio europeu, através da narrativa da história como sendo graças aos europeus que a América exista, ignorando os povos originários.

É importante destacar com Castro (2014) que a questão da experiência revolucionária do Haiti, com pico no ano de 1791, significando a esperança do fim da escravidão e melhoria de vida para os haitianos (CASTRO, 2014). O autor também aponta como devido a esse evento histórico, foi levantado pela primeira vez uma república negra no mundo, sendo

acompanhada de dificuldades, como a elite se opondo ao movimento. Jesus (2020) também aponta em sua tese a questão da revolução, e de como ela surgiu de anos de descontentamento.

Nos anos anteriores à revolução de São Domingos, a escravidão parecia inabalável e os lucros aumentavam. De acordo com James (2000), a produção praticamente dobrou entre 1783 e 1789. A média anual de chegada de escravos era de 27 mil até 1786. A partir dessa data, mais de 40 mil chegariam a cada ano. Dos cerca de meio milhão de escravizados na colônia, mais de dois terços haviam nascido na África. Estes estavam mais ressentidos, obstinados e mais prontos para uma rebelião do que o crioulo (JAMES, 2000 *apud* JESUS, 2020, p. 69).

A questão do desenvolvimento do Haiti nos dias de hoje é mostrada por Castro (2014) como uma questão contraditória. Ao apontar o surgimento de ONGs, a ideia seria de uma melhoria na qualidade de vida dos haitianos. Porém, como é dito pelo autor, as mesmas são financiadas por potências com o intuito de “bem-estar social”. Dito isso, o Estado perde sua força e abre espaço para controle através desses investimentos multimilionários.

Além das questões discutidas acima, cabe ressaltar sobre o Terremoto e a Missão de Paz como condicionante migratório para os haitianos. O terremoto que atingiu o Haiti no dia 10 de janeiro de 2010, foi um desastre natural que impactou diretamente na estrutura haitiana, tanto natural quanto economicamente.

Devido a localização entre placas tectônicas, o Haiti está suscetível a tremores intensos, e em 2010, o terremoto de magnitude 7,2 na escala Richter causou mais de duzentas mil mortes, deixando também milhares de desabrigados. O terremoto afetou intensamente a capital do Haiti, Porto Príncipe, fazendo com que muitos haitianos deixassem o país a partir do ano de 2010. Dessa forma, a intensidade do fluxo migratório haitiano para o Brasil começa principalmente a partir desse momento, mas, por que muitos escolheram o Brasil?

A escolha do Brasil como país de destino está diretamente ligada à Missão de Paz da ONU no Haiti, que teve início em 2004, sendo finalizada em 2017, e que de acordo com o site do Governo Brasileiro (2021), empregou mais de trinta e seis mil militares. A importância dessa missão de paz não foi somente a tentativa de auxiliar o Haiti em relação à guerra civil enfrentada no país, mas também auxiliou nas relações entre brasileiros e haitianos.

A boa imagem tomada por muitos dos haitianos em relação aos brasileiros, foi considerada um dos motivos para a migração haitiana ao Brasil. A pobreza no país (que data desde seu processo de colonização) até a missão de paz fizeram com que os haitianos

sentissem ainda mais a necessidade de melhores condições de vida, fazendo com que procurassem pelos países que pudessem fornecer tais condições.

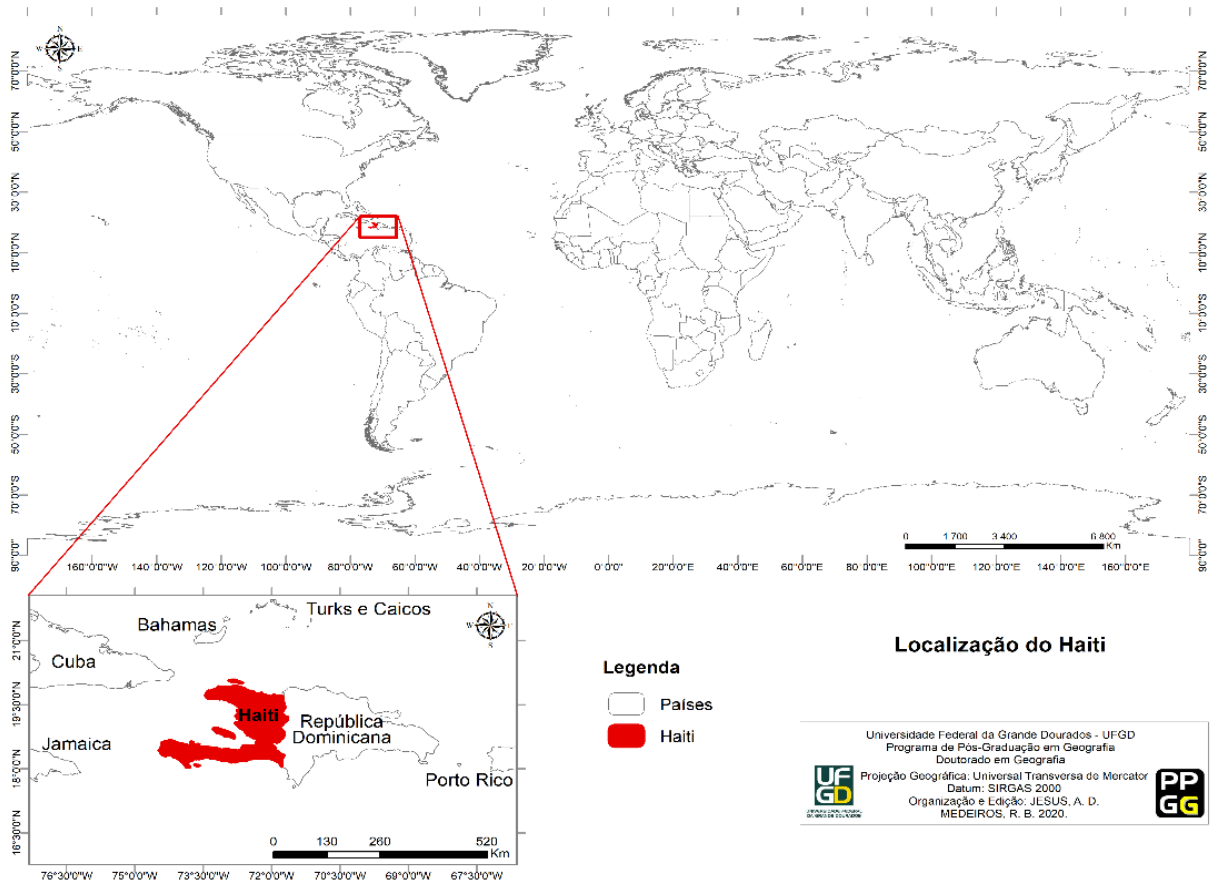
A partir desse contexto, se faz necessário o entendimento de que cada vez mais, a necessidade de implementar a influência em outros países (CASTRO, 2014), principalmente vinda dos EUA, faz com que esses países, dos quais possuem não infraestrutura para auxiliar sua população, aceitem o investimento do capital externo. De tal modo, Castro (*idem*) aponta que existe, devido ao enfraquecimento do Estado, um grande desvio das verbas públicas que deveriam ser destinadas para os setores públicos (saúde, educação, moradia etc.).

Diante desse descontrole por parte do Estado, o país cada vez mais não consegue atender as necessidades advindas de sua população, e a população, diante disso, vê uma necessidade de buscar por novas oportunidades, muitas vezes oferecidas apenas em outros países. Como foi discutido anteriormente, existem diversos fatores que condicionam a migração internacional, e a questão do Haiti se encaixa na busca por uma melhora na qualidade de vida.

Assim, Castro (*idem*) confirma que o Haiti passa por um processo de recolonização, onde agora são países da América, principalmente os EUA, que desempenham o papel de colonizadores. Porém, o autor complementa que o Brasil também faz parte disso, pois ao enviar tropas para o Haiti em 2004 na intenção de auxiliar a manutenção do bem-estar do país, acaba demonstrando uma face subimperialista, apoiando principalmente os interesses dos EUA, em detrimento das reais necessidades do Haiti.

Dessa forma, cabe destacar algumas questões em relação ao Haiti. O país caribenho, como mostra o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), possui no ano de 2020 uma população de 11.402.533 de habitantes, em um país com extensão territorial de 27.750 Km². Esses números mostram que o país possui uma distribuição de 413,73 hab./Km², enquanto o Brasil por exemplo, possui 25,43 hab./Km², denotando assim que o Haiti possui uma imensa necessidade de utilizar de maneira meticulosa seu território (CASTRO, 2014). Como se observa na Figura 03, a extensão do Haiti é muito reduzida em relação à extensão territorial brasileira.

Figura 03: Localização do Haiti.



Fonte: Jesus, 2020.

Também é possível compreender a questão da dificuldade agrícola do país pelos dados apresentados no *Britannica* (2021), segundo os quais a baixa fertilidade do solo acaba fazendo com que as práticas agrícolas sejam dificultadas. Também é destacado como o processo de desmatamento presente nessa sociedade causou uma erosão acelerada no solo, tornando-o ainda mais infértil.

Essa informação nos ajuda a compreender que, fatores como dificuldade de manutenção de práticas agrícolas (associada a outros fatores), podem causar necessidades de busca por melhores oportunidades, que muitas vezes não conseguem ser atendidas pelo Haiti, ocasionando assim aumento da saída para outros países de parte de seus habitantes. É preciso compreender também que as questões naturais não são fatores únicos, e que fazem parte de uma totalidade de fatores que ocasionam na imigração.

O Produto Interno Bruto (PIB) do país caribenho é de US\$ 1.847.796, sendo o segundo ano consecutivo que o PIB do Haiti vem caindo, mostrando assim um momento econômico ruim do país. Os crescentes problemas políticos e econômicos do país esclarecem

o que foi dito por Castro (*idem*), onde o país não possui infraestrutura necessária para de fato se recompor social e economicamente, devido também ao atual processo de recolonização.

O Haiti, seja nos aspectos sociais ou físico-ambiental, se torna cada vez mais insustentável, um barril de pólvora que explode de tempos em tempos, e que traz instabilidade para o país. Foram poucos os presidentes que conseguiram terminar seus mandatos. Muitos foram assassinados por opositores e outros caíram por pressão popular. De certo, o modelo de exploração do país, controlado por potências estrangeiras, serviu apenas para destruir o meio ambiente da frágil nação e trazer miséria para seu povo (CASTRO, 2014, p.24).

Ainda de acordo com o IBGE (2020), o Haiti possui apenas 37,12% da sua população com acesso à rede sanitária, e 66,7% de sua população com acesso à água potável. Esses números mostram como, na situação atual do Haiti, a dificuldade de acesso a questões básicas de saúde promove cada vez mais a busca por uma melhoria na qualidade de vida desses indivíduos em outros países.

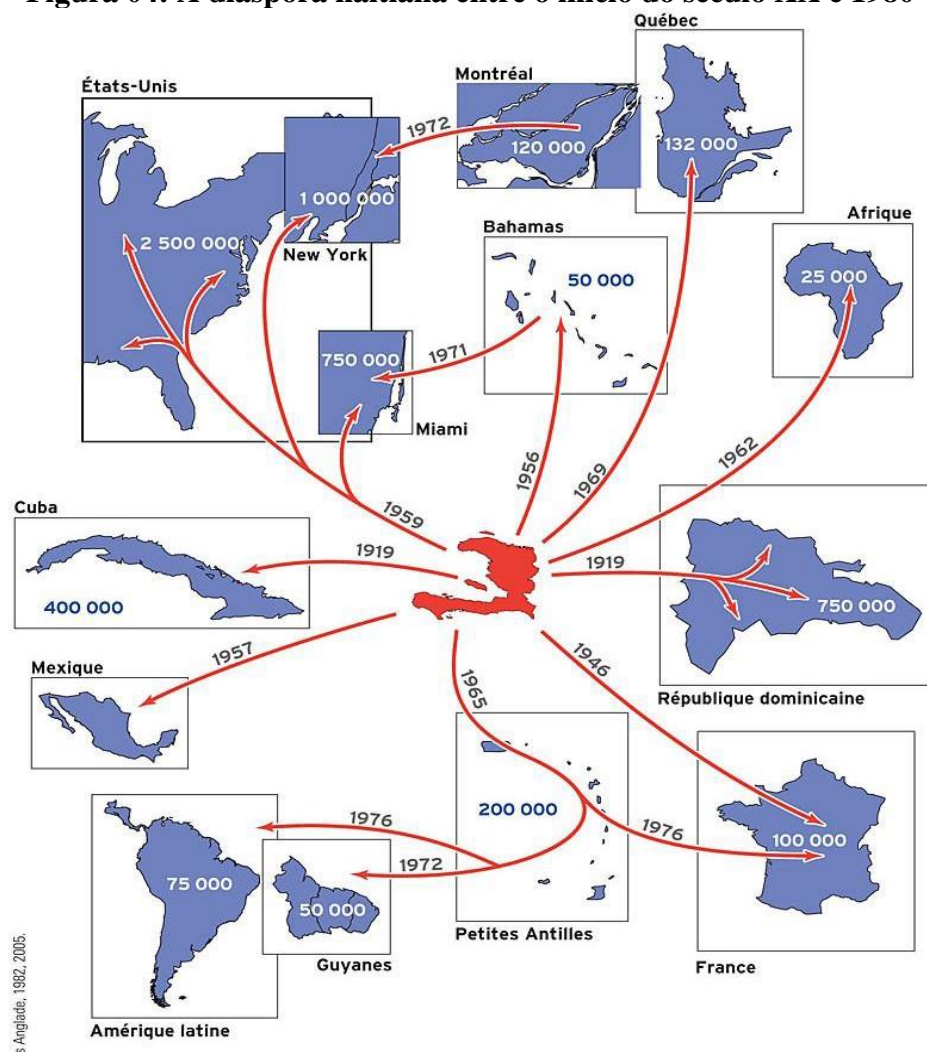
Dessa forma, os dados apresentados exemplificam que o Haiti, devido a toda sua bagagem histórica e aos problemas que enfrenta até os dias de hoje, possui grandes motivos para alta taxa de emigração, que, como aponta Jesus (2020), se relaciona com a formação socioespacial do Haiti, pois está diretamente relacionada a estruturação histórico-político do país.

No contexto caribenho, centenas de milhares de pessoas mantêm-se em deslocamento interno e externo à região, principalmente em direção aos Estados Unidos. Especificamente no caso haitiano, um dos países com mais altas taxas de mobilidade, as migrações seguem como um importante processo de sua formação socioespacial, como vimos. A “saída migratória”, como argumenta Durand (2010), mantém o Haiti como um dos países com a maior quantidade de saídas e a menor quantidade de entradas de migrantes (JESUS, 2020, p. 119-120).

Portanto, os fluxos migratórios haitianos se diversificam cada vez mais em prol da necessidade de uma melhora da qualidade de vida vista por esses haitianos, e a busca por um novo país faz com que cada vez mais o Haiti se encontre na necessidade de contar com o apoio multimilionário das grandes potências, como os EUA, mostrando assim como existem diversos fatores migratórios, tanto internos quanto externos, que vem condicionando a migração, porém, a Globalização vem impulsionando cada vez mais esses fatores, como é apontado por Martine (2005), sendo possível ver na Figura 04 um considerável fluxo migratório haitiano para o mundo.

Cabe observar que, como afirma Santos (2000), a Globalização tem início nas últimas décadas do século XX. É provável que já existisse no Haiti em meados do século XX, uma certa integração com outras nações, sobretudo a partir do interesse dos EUA, também condicionada pela proximidade geográfica. Talvez por essa relação entre os dois países, existiam nos EUA em 1959³ cerca de 2.500.000 de imigrantes haitianos, como se verifica na Figura abaixo. Destaque também para América Latina, que a partir da década de 70 já começa a receber uma quantidade considerável de imigrantes haitianos.

Figura 04: A diáspora haitiana entre o início do século XX e 1980



Fonte: Jesus, 2020

A imagem utilizada por Jesus (2020) demonstra como os fluxos migratórios de haitianos do século XX se caracterizam por uma vasta quantidade de países de destino. Isso

³ É necessário investigar em pesquisas futuras as causas para essa forte imigração haitiana para os EUA na década de 1950, que não é trabalhada nessa pesquisa por não fazer parte das questões levantadas no trabalho.

denota ainda mais a necessidade dos haitianos de encontrar nesses países recursos e estrutura da qual o Haiti não é capaz de fornecê-los.

Tendo em mente os fluxos migratórios para o Brasil e a formação socioespacial haitiana, cabe agora entendermos a questão da chegada dos haitianos no Brasil. O trajeto por eles feito, até sua instalação no país, denota como o uso do território é feito por esses imigrantes haitianos.

3.2 Chegada dos Haitianos no Brasil

Ao compreender o fluxo migratório para o Brasil no século XXI, é importante tratar da principal questão dessa pesquisa, os imigrantes haitianos e, o uso do território por eles praticado em Andradas (MG). A imigração dos haitianos ao Brasil pode ser considerada um fluxo intenso de mobilidade, dado o número crescente de que aqui tem se fixado desde 2011.

Um importante fator a ser tratado é justamente a chegada desses haitianos no Brasil, ou seja, o trajeto por eles utilizado. Em sua tese, Castro (2014) descreve como os haitianos buscam sair do Haiti a troco de empréstimos com agiotas, o que sinaliza o início da dificuldade desse processo migratório. Como afirma Fernandes e Castro (2014), o custo econômico da migração também é altíssimo, o que acaba prejudicando ainda mais a saída do país.

Segundo Faria (2012, p. 89), “o acesso ao “Eldorado Brasileiro” tem um custo que pode variar de USD 1.000,00 a USD 4.500,00, dependendo do serviço pretendido ou da persuasão dos coitotes”. Porém, por se tratar de ação ilegítima, não se pode ter exatidão quanto à soma dos valores pagos pelos imigrantes haitianos (FERNANDES, CASTRO, 2014, p.74).

Os coitotes (termo para os responsáveis por guiar os imigrantes pelos países, até a chegada em seu país de destino), que deveriam ser uma espécie de “luz no fim do túnel” para esses imigrantes haitianos, acaba na verdade sendo mais um problema. Os altos custos seguidos de ameaças de deixar os imigrantes no país que estão naquele momento por falta de dinheiro torna ainda mais difícil o trajeto desses imigrantes (FERNANDES, CASTRO, 2014).

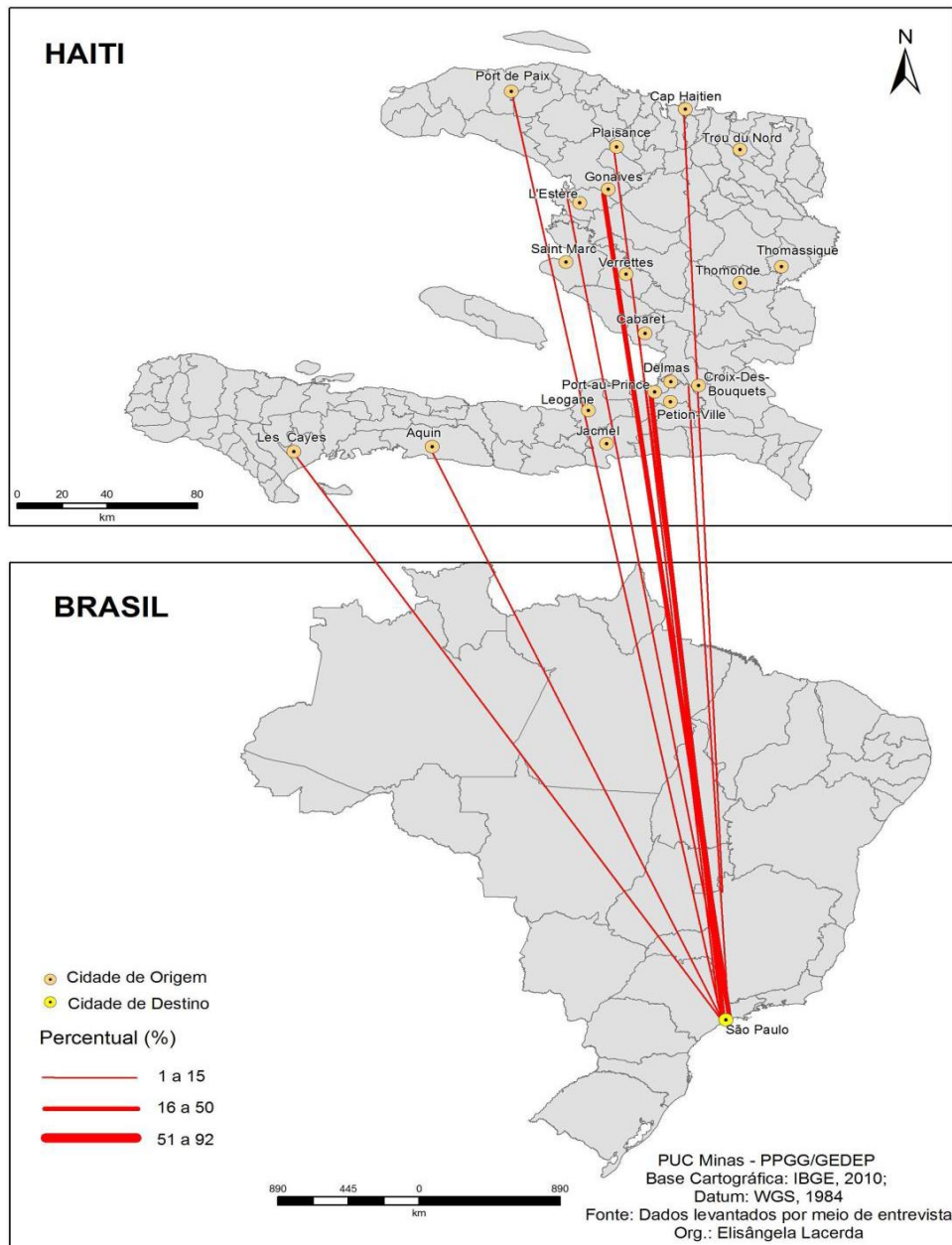
Como afirmam Fernandes e Castro (*idem*), essa cobrança excessiva de valores durante todo o processo migratório faz com que muitos necessitem de pedir para familiares para que enviem dinheiro, pois a cobrança feita principalmente pelos coitotes acabam deixando muitas famílias no Haiti até mesmo sem teto.

Outro fator importante levantado pelos autores, é como o processo migratório, desde a saída de seu país de origem até a chegada no país de destino, o imigrante é acompanhado de uma série de preconceitos e abusos. Como apontam Fernandes e Castro (2014), imigrantes haitianos, tanto homens quanto mulheres, relataram casos de abusos e maus tratos, como violência por parte da polícia, roubos e exploração do custo da viagem. Dessa forma, se compreende que mesmo fora do círculo político social de seus países, esses imigrantes haitianos ainda estão propensos a uma vida acompanhada de sofrimentos.

De tal forma, cabe destacar, portanto, de fato a chegada desses imigrantes haitianos. Ainda com Fernandes e Castro (*ibidem*), existem dois grupos que se destacam de imigrantes haitianos para o Brasil, sendo o primeiro grupo constituído daqueles que saem de Porto Príncipe, passando pelo Panamá, Equador, Peru e Tabatinga (na região de Manaus), enquanto o segundo grupo são aqueles que saem da República Dominicana, passando por Equador, Peru, até chegarem no Brasil pelo Acre.

Em seu trabalho de conclusão de curso, Castro (2014) dá destaque à questão da diversidade de cidades na rota migratória do Haiti para o Brasil, mostrando que o território brasileiro é de fato alvo de muitos haitianos em busca de uma melhora de vida. A Figura 05 exemplifica melhor esses fluxos migratórios, demonstrando que partem de diversos locais do Haiti, sendo assim, a migração não é um evento concentrado em apenas uma cidade do país, e sim se espalha por todo o território haitiano.

Figura 05: Mapa do local de origem no Haiti dos imigrantes residentes em São Paulo.



Autor: Castro (2014). **Fonte:** IBGE, 2010.

Por mais que o mapa utilizado por Castro (2014) aponte os fluxos migratórios de haitianos para a cidade de São Paulo, é compreensível que se espalham ao longo de todo o território brasileiro, sendo que a condição financeira é a principal responsável pela distância que será o deslocamento por eles feito. Aqueles imigrantes haitianos que conseguem chegar ao país com um pouco mais de dinheiro, tentam chegar à Região Centro-Sul do Brasil, enquanto os que não possuem essas condições financeiras, acabam se instalando nas proximidades de onde entram no país, como Tabatinga, em Manaus.

Para aprofundarmos na questão da vinda dos haitianos, é necessário compreender também que mesmo boa parte dos imigrantes haitianos que buscaram o Brasil vieram devido ao terremoto que assolou o país em 2010; eles não são considerados refugiados, pois de acordo com a Lei de Imigração brasileira, eles se enquadram na classificação de imigrantes internacionais.

O terremoto, responsável por destruir boa parte da capital de Porto Príncipe, também causou uma desestabilização do Haiti tanto econômica quanto social. Dessa forma, o país ainda tenta se recuperar, mas as famílias da qual necessitam de oportunidades de emprego e de melhora de vida, buscam países como o Brasil.

Como exemplo citamos o caso dos imigrantes haitianos que chegaram ao Brasil sem visto de trabalho ou os casos dos imigrantes que tiveram os seus pedidos de refúgio negados pelo CONARE, por não se enquadrarem na categoria de refugiados, o que gerou uma nova demanda para o Estado brasileiro. Em resposta a isso, o CNIg passou a conceder autorizações de trabalho por razões humanitárias para atender à demanda dos imigrantes (CAVALCANTI, OLIVEIRA, TONHATI, 2014, p. 90).

De acordo com um Relatório sobre Imigrantes Internacionais no mercado de trabalho brasileiro (CAVALCANTI, OLIVEIRA, TONHATI, 2014), elaborado pela OBMIGRA, o número de haitianos no território brasileiro vem aumentando constantemente desde 2011 (um ano após o terremoto). Esse dado se baseia na quantidade de imigrantes haitianos inseridos no mercado de trabalho formal, sendo que em 2011 havia aproximadamente 814 haitianos trabalhando formalmente no Brasil, em 2012 havia 4.117 imigrantes haitianos e em 2013, 14.579 imigrantes haitianos.

É importante ressaltar que esse aumento também corresponde a uma resposta do governo brasileiro ao acolhimento desses imigrantes, mesmo que ainda seja um processo em desenvolvimento. Por mais que possam ocorrer dificuldades num primeiro momento, é importante que os órgãos públicos estabeleçam respostas através de políticas nacionais e internacionais para garantir a qualidade de vida desses imigrantes e a regularidade dos mesmos.

Câmara (2014), em sua tese o autor aborda a questão dos imigrantes haitianos no Brasil, e através das *verbalizações* feitas pelo autor, é possível entender a questão da regularidade dos haitianos no Brasil. O autor afirma que mesmo com esforço feito pela embaixada de Porto Príncipe para que a vinda desses haitianos seja regular, muitos optam por cruzar irregularmente a fronteira do Acre para adentrar no país.

Isso é um reflexo de como a “facilitação” de documentações na verdade não se aplica para todos os haitianos que pretendem migrar. Pela dificuldade financeira, muitas vezes é mais desejável para esses imigrantes os riscos apresentados pela travessia ilegal ao Brasil do que de fato a passagem regular.

Porém, o autor afirma também como, de 2014 para cá, os fluxos migratórios para o Brasil vêm aumentando em decorrência de certos fatores, como por exemplo uma política migratória menos fragmentada, assim como uns novos arranjos institucionais capazes de lidar com a migração para o Brasil, incluindo a de haitianos.

Outro importante aspecto da migração haitiana para o Brasil é a maneira com que as famílias se estruturam para a vinda ao novo país. Um caso que se repete muito é dos homens que vêm primeiro para o Brasil, enviando remessas para sua família e, depois de assegurados financeiramente, trazem o restante dos familiares, principalmente as esposas e os filhos. Em sua obra, Silva (2017) reforça esse argumento, mostrando que a quantidade de homens que entram pela fronteira do Amazonas é superior à de mulheres.

Com relação ao sexo, observa-se maioria expressiva de homens, com 86,4% dos haitianos captados em pesquisa de campo, o que tem se mantido desde o início do fluxo migratório, com pequenas variações. O mesmo aconteceu com o contingente feminino, com 13,6%. Dados levantados pela Pastoral do Migrante de Tabatinga (AM) apontam semelhanças, pois, dos 2.842 haitianos que entraram por aquela fronteira em 2011, 85,46% eram 102 R. bras. Est. Pop., Belo Horizonte, v.34, n.1, p.99-117, jan./abr. 2017 Silva, S.A. Imigração e redes de acolhimento homens e 14,11% eram mulheres (SILVA, 2017, p. 101-102).

Isso é importante para análise da chegada dos imigrantes haitianos no Brasil pois se entende melhor o motivo dos números terem disparado a partir de 2014. Um dos fatores afirmados anteriormente neste trabalho, como um importante condicionante migratório, é a segurança passada para os que querem migrar, através de parentes ou amigos que já vivem no país de destino, como foi destacado nos capítulos iniciais deste trabalho.

Compreende-se então que o fluxo migratório de haitianos aumenta no Brasil também devido ao crescimento da demanda de mão de obra, principalmente nas chamadas por Cavalcanti, Oliveira e Tonhati (2014) de *Trabalhadores da Produção de Bens e Serviços Industriais*, que seriam, portanto, imigrantes que saem de seus países em busca de oportunidades de trabalho. Os autores afirmam que esse setor de produção é o que mais empregou haitianos entre os anos de 2011 e 2013, motivando assim a vinda ainda maior de haitianos para o Brasil.

É possível perceber o crescimento da população de imigrantes haitianos no Brasil através da tabela 2, que esquematiza o número de haitianos inseridos em empregos formais. O crescimento acontece de acordo com as oportunidades de emprego oferecidas pelo país, já que esses imigrantes buscam novas oportunidades de vida que não são oferecidas em seu país.

Tabela 02 – Haitianos com vínculo formal de trabalho no Brasil entre os anos de 2011 e 2015

Ano	nº de Haitianos
2011	814
2012	4.117
2013	14.579
2014	23.993
2015	34.224

Fonte: OBMIGRA (2014) e RAIS (2016). Org.: João Vitor de Freitas.

A questão do trabalho, como condicionante da migração, é melhor explicada por Ito (2008). A análise sobre as motivações dos imigrantes, para a autora, está ligada à questão do trabalho, e pode ser percebido nos imigrantes haitianos. A constante necessidade de se inserir no mercado de trabalho e na dinâmica do capital (para sua sobrevivência), faz com que se encontrem em serviços cuja especialização da mão de obra é baixa. A maneira com que se instalam e de como são tratados mediante a essas condições, são fatores importantes para determinar a maneira com que irão modificar o território.

Também complementando a informação sobre a imigração haitiana para o Brasil, Baeninger e Peres (2017) abordam a questão da vinda dos haitianos e sua vida no novo país. As autoras afirmam que o fluxo de imigrantes haitianos no Brasil cresce cada vez mais, e entre 2010 e 2015 esse ritmo começou a crescer, tanto aos que conseguiam de fato entrar regularmente quanto àqueles que tentavam entrar no país de forma irregular.

Entre 2010 e 2015, foi registrada pelo Sincre a entrada, no Brasil, de 28.866 imigrantes haitianos e haitianas já com visto permanente no país. Quando se consideram os dados do STI (excluindo turistas e tripulação), que englobam também os registros de solicitantes de refúgio, o volume de entradas de haitianos e haitianas, para o mesmo período, passa a ser de 85.079 imigrantes (dentre os quais já constam os registros do Sincre), sendo que 44.361 imigrantes foram registrados em postos de controle de fronteiras terrestres (Tabela 1), correspondendo a 52% da imigração haitiana no país, entre 2010 e 2015 (BAENINGER, PERES, 2017, p. 128).

Dessa forma, é necessário partir para mais próximo do campo de análise deste trabalho, analisando, portanto, a migração haitiana direcionada ao estado de Minas Gerais.

Para isso, foi utilizado do Atlas Digital da Migração Internacional em Minas Gerais, elaborado pela professora Ana Márcia Moreira Alvim, pelo Observatório de Migração Internacional de Minas Gerais (OBMINAS).

O banco de dados oferecido pelo Atlas Digital mostra as migrações internacionais ocorridas no estado de Minas Gerais, entre os anos de 2010 e 2016, permitindo visualizações das informações através de pirâmides etárias, país de nascimento, sexo, entre outras variáveis. A principal variável para análise será a do país de nascimento.

Como mostra o Atlas, em 2010 o estado de Minas Gerais possuía uma maior quantidade de imigrantes vindos da Itália, Estados Unidos, Alemanha, Japão Argentina, França e Portugal, porém mesmo assim o número de imigrantes internacionais no Brasil era baixo, e como citado antes, era mais notável fluxos de emigração.

Em 2013, pode-se notar que além de um aumento dos números de imigrantes internacionais dos países já citados, como Estados Unidos e Portugal, também é possível identificar que Minas Gerais começa a receber mais imigrantes de países da América Latina, como Cuba, Chile, Peru e Haiti. Dessa forma, 2016, último ano datado no Atlas, o número de imigrantes haitianos no estado de Minas Gerais é superior ao de qualquer outro país de origem.

Sobre os imigrantes que chegaram em Minas Gerais, vale discutir sobre suas características. Como mostra o Atlas, ao longo dos anos, entre 2011 e 2016, a entrada de imigrantes se dá principalmente por homens, sendo que em 2016, havia mais de 50% de imigrantes homens do que mulheres. É possível compreender esse fenômeno pela ideia vinda de que em algumas culturas, a necessidade atribuída ao homem de prover para sua família, assim como os riscos aumentados para as mulheres durante a travessia, impulsiona os homens que migraram primeiro, trazendo posteriormente suas famílias.

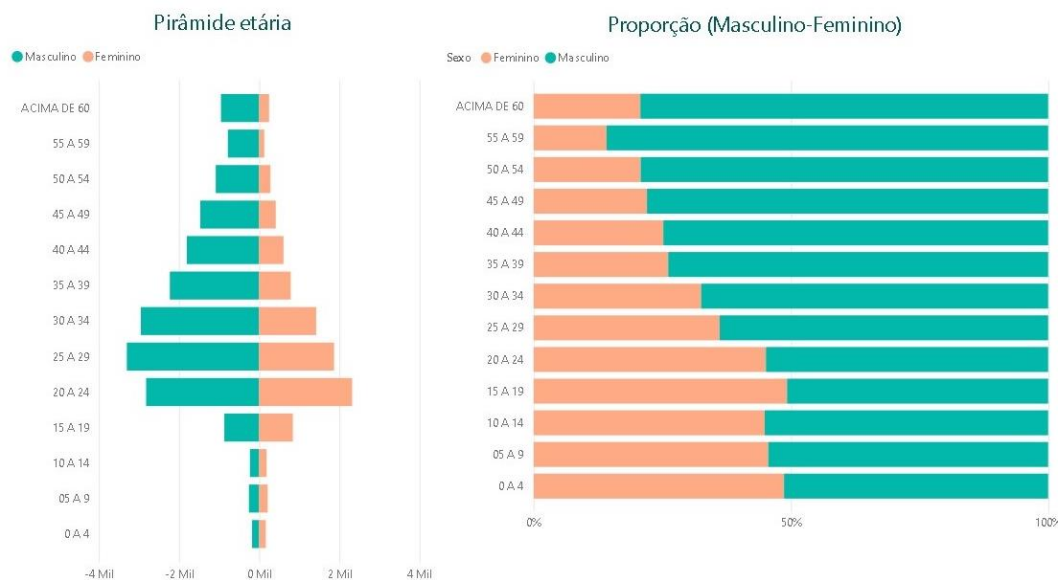
No caso dos haitianos, é possível identificar essa questão através de Louis Delhome Desinord, 39 anos, imigrante haitianos que habita a quase 10 anos em Andradas (MG). Como relata Porto (2021), Louis afirma que um dos principais empecilhos na sua instalação no Brasil era a saudade da família, e que devido aos altos custos, não era possível trazer todos que dela faziam parte. Portanto, após conseguir se estruturar um pouco melhor economicamente, pode trazer sua esposa e filhos.

Depois de mais algum tempo conseguiu abrir conta bancária, o que lhe possibilitou tomar um empréstimo que viria a custear a vinda de sua esposa (na época foram

tomados emprestados seis mil reais). No entanto, a reunião familiar só ocorreu mais tarde, com a vinda dos filhos, processo que somente foi possível após o ingresso da esposa no mercado de trabalho e com as economias realizadas pelo casal para custear a vinda dos filhos (PORTO, 2021, p. 9).

Através do atlas também é possível compreender que a vinda de imigrantes para Minas Gerais se concentra mais em jovens, principalmente de 25 a 29 anos de idade, como mostra a Figura 06. Isso nos permite entender que a chegada desses imigrantes resulta em um aumento da mão de obra, já que justamente chegam em Minas Gerais buscando por emprego e oportunidades de trabalhos assalariados.

Figura 06: Pirâmide Etária de Imigrantes no Estado de Minas Gerais (MG).



Fonte: Atlas Digital da Migração Internacional em Minas Gerais, 2022.

Como vimos na discussão desse tópico, a formação socioespacial haitiana é marcada por migrações desde o começo do século XX e que ainda se mantém no início do século XXI. Portanto, tendo isso em mente, é necessário que seja abordado a questão do uso do território, justamente para que a partir dos fluxos migratórios haitianos, possamos compreender como se dá a inserção desses imigrantes em Andradas (MG).

4 A INSERÇÃO DE IMIGRANTES HAITIANOS EM ANDRADAS (MG) E A QUESTÃO DO USO DO TERRITÓRIO

Para darmos início à discussão acerca do uso do território, cabe discutir como Santos & Silveira (2001) abordam a questão do "território usado", para que possamos dessa maneira esquematizar da melhor forma como se dá o uso do território e como esse processo, ou como apontam os autores, essa categoria de análise pode nos auxiliar na interpretação da imigração haitiana no município de Andradas (MG).

Antes de dar início à discussão sobre o território usado, há necessidade de discorrer sobre o território. O território é uma categoria fundamental da Geografia desde sua formação como ciência. Como afirma Santos (2004), o território está ligado a relações de poder em um determinado espaço, juntamente dos fatores históricos que correspondem à formação do território. Dessa forma, o autor afirma

A ação de sociedades territoriais é condicionada no interior de um dado território por: a) o modo de produção dominante à escala do sistema internacional, sejam quais forem as combinações concretas; b) o sistema político, responsável pelas formações particulares de impacto do modo de produção; c) mas também pelos impactos dos modos de produção precedentes e dos momentos precedentes do modo de produção atual (SANTOS, 2004, p. 233).

Cabe compreendermos, portanto, que o uso do território é justamente a categoria de análise que aborda não somente a formação do território de acordo com a sua história, mas utiliza dessa informação para compreender como ocorre a formação do território momento atual, possibilitando assim a compreensão das dinâmicas territoriais e das técnicas para o uso do território.

Outro autor que colabora com a discussão sobre o território é Haesbaert (2015). Em sua obra, o autor destaca que existe um importante apontamento ao se analisar a multiplicidade de territórios, ou seja, aponta como certos indivíduos presenciam uma constante desterritorialização, que como destaca o autor, faz com que experienciem uma identidade de território múltiplo, ou seja, pertencente a mais de um território (HAESBAERT, *idem*).

A importância do apontamento feito por Haesbaert (2015) está justamente na compreensão da relação entre o território e a migração. Quando aponta que, devido a constante mudanças de lar, o próprio autor se sentiu pertencente a mais de um território. Esta afirmação é verificada por alguns imigrantes haitianos (que são apontados nessa pesquisa), se

sentem identificados no país de destino, ou seja, em seu novo território, usando do mesmo através de técnicas por eles desenvolvidas.

De algum modo, desde pequeno, desconfortável com a territorialidade que me era colocada, estive em busca de um Outro espaço, e esse outro, eu descobriria ainda na adolescência, na verdade, era parte de mim mesmo. A desterritorialização que vivíamos com tanta mudança de residência era experimentada também subjetivamente: meu território era múltiplo, e Santa Maria seria apenas o começo de uma longa trajetória de busca e trânsito por múltiplas territorialidades (HAESBAERT, 2015, p. 17).

Dessa forma, a categoria território é trabalhada de maneira intensa por Haesbaert (2015) através da desterritorialização. Dessa forma, o imigrante que passa pelo processo de desterritorialização é capaz de presenciar um território múltiplo, onde possui a experiência do uso do território já feito em seu país de origem, e agora, o uso do território sendo feito no país de destino.

Para melhor abordar essa questão, é utilizado da pesquisa feita por Haesbaert & Bárbara (2009), onde a questão da migração é abordada mais claramente em relação ao território e a própria desterritorialização. Os autores afirmam que, devido a desterritorialização e, como chamado por Haesbaert (2015), a vivência de territórios múltiplos, faz com que o migrante venha a “pertencer a dois mundos” (HAESBAERT & BÁRBARA, 2009).

Dessa forma, existe um conflito interno no migrante, onde tenta manter as relações de sua tradição e cultura de seu país de origem, mas que são abafados pela necessidade de construir uma nova identidade em seu país de destino, uma vez que os costumes, tradições e a cultura propriamente ditam, encontradas em seu novo cotidiano, são diferentes de seu antigo território. Esse fenômeno é nomeado pelos autores como “identidades híbridas”.

A ideia de “sujeitos *traduzidos*” — termo originário do latim que significa transferir ou transportar através de fronteiras — define bem, segundo Stuart Hall, a situação de migrantes que acabam sempre construindo identidades híbridas. À medida que os indivíduos venham a pertencer a dois mundos ao mesmo tempo, eles procuram manter, conflituosamente, suas raízes, suas tradições e a memória que os ligam a um território de origem. Por outro lado, são impelidos a novos diálogos pela necessidade de reconstruírem suas identidades em meio aos novos territórios e culturas com as quais passam a ter contatos cotidianos (HAESBAERT & BÁRBARA, 2009, p. 37).

Porém, é possível identificar, cada vez mais, uma resistência ao desenvolvimento das “identidades híbridas”, uma vez que, como será mencionado mais à frente, os imigrantes haitianos em Andradas (MG), por exemplo, desenvolvem suas próprias técnicas de uso do

território, que os aproximam cada vez mais de suas culturas, de um modo a evitar essa necessidade de repelir a sua própria cultura. Dessa maneira, o uso do território é justamente o conceito chave para compreender como são as relações entre os imigrantes e seu novo território atualmente.

Santos & Silveira (2001), no primeiro capítulo de seu livro, inferem que a confusão entre território e espaço constantemente ofusca o entendimento acerca do território. Cabe compreender, portanto, que o território corresponde a uma parcela do espaço onde ocorrem relações políticas de poder.

Num sentido mais restrito, o território é um *nome político* para o espaço de um país. Em outras palavras, a existência de um país supõe um território. Mas a existência de uma nação nem sempre é acompanhada da posse de um território e nem sempre supõe a existência de um Estado. Pode-se falar, portanto, de territorialidade sem Estado, mas é praticamente impossível nos referirmos a um Estado sem território (SANTOS & SILVEIRA, 2001, p.19).

Sendo assim, compreender que o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, 2009), auxilia na compreensão de como o território usado não pode ser tratado apenas como uma questão acerca da constituição de um território, pois também deve ser levado em conta em sua análise a ação humana e todo seu trajeto histórico, explicando dessa maneira que cada país, devido a sua formação socioespacial, possui diferentes usos do território. De tal maneira, a construção espacial e social não pode ser trabalhada separadamente (SANTOS & SILVEIRA, 2001).

Ainda de acordo com Santos & Silveira (2001),

O uso do território pode ser definido pela implantação de infraestruturas, para as quais estamos igualmente utilizando a denominação *sistemas de engenharia*, mas também pelo dinamismo da economia e da sociedade. São os movimentos da população, a distribuição da agricultura, da indústria e dos serviços, o arcabouço normativo, incluídas a legislação civil, fiscal e financeira que, justamente com o alcance e a extensão da cidadania, configuram as funções do novo espaço geográfico (SANTOS & SILVEIRA, 2001, p. 21).

Como se identifica acima, Santos e Silveira (*Idem*) também discorrem acerca dos movimentos da população. De acordo com os autores, a questão do povoamento, principalmente no viés da ocupação econômica e dos sistemas de movimentos dos homens, faz parte da categoria de análise do uso do território. Isso nos permite compreender que a questão da migração está diretamente ligada ao estudo do uso do território, e dessa forma, é

necessário compreender as questões que envolvem tanto o território quanto àqueles que habitam e desenvolvem relações sociais nesse território.

Também é compreensível como o território condiciona as ações dos atores (SANTOS & SILVEIRA, 2001), sendo assim, o território é responsável por possibilitar ou não certas ações. Para melhor compreender isso, a questão dos haitianos serve como exemplo. Em um território no qual suas ações e uso são limitados (neste caso, os territórios de origem), muitas das vezes os indivíduos preferem migrar para outros territórios onde acreditam, que há oportunidade para realização de tais ações, como oportunidades de emprego, por exemplo.

Cabe destacar também que Santos (2000) ressalta que a questão do território usado vai além da simples junção entre os sistemas naturais e os sistemas sociais, pois também leva em conta questões como o sentimento trazido por aquele território. Esse tipo de análise nos permite entender melhor o primeiro grupo de *dekasseguis* trazido por Ferreira (2007), ou seja, os que possuem vontade de retornar ao seu país, como foi visto no capítulo 2 deste trabalho.

Essa vontade de retorno presenciada em vários grupos migratórios está relacionada ao território usado por eles em seus países de origem. As relações feitas, juntamente a questões culturais e sociais remetem a uma sensação de pertencimento. Dessa forma, é compreensível como o uso do território é essencial para inserção desses indivíduos, principalmente em seus países de destino.

Destaca-se ainda por meio de Santos (2000) que,

Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população. Um faz o outro, à maneira da célebre frase de Churchill: primeiro fazemos nossas casas, depois elas nos fazem... A ideia de tribo, povo, nação e, depois, de Estado nacional decorre dessa relação tornada profunda (SANTOS, 2000, p. 47).

Santos (*idem*) também afirma em sua obra como, em uma sociedade local, a maneira como o território é usado irá reger as manifestações da vida local. Essa afirmação pode claramente ser identificada na questão dos imigrantes haitianos, onde a maneira com que o território de Andradas é usado, tanto pelos imigrantes quanto pelos próprios andradenses, irá impactar diretamente em suas vidas, como por exemplo, em manifestações culturais, educação, saúde etc.

Para discutirmos de uma maneira mais clara a categoria de análise *território usado* de Milton Santos, utilizamos de Souza (2021), que aborda com afinco como é trabalhado essa questão nas obras do autor. Logo de início, a autora destaca que existe uma interpretação arcaica do significado de território, remetendo a limitações territoriais ou topológicas

(SOUZA, 2021). Dessa forma, a autora afirma que o conceito de território só existe quando usado, pois como destaca Souza (*idem*), as relações do mundo globalizado fragmentaram o território, e dessa forma, cada fragmento possui diferentes aspectos, não podendo ser classificado apenas como um “espaço de poder administrado definido por uma linha imaginária”.

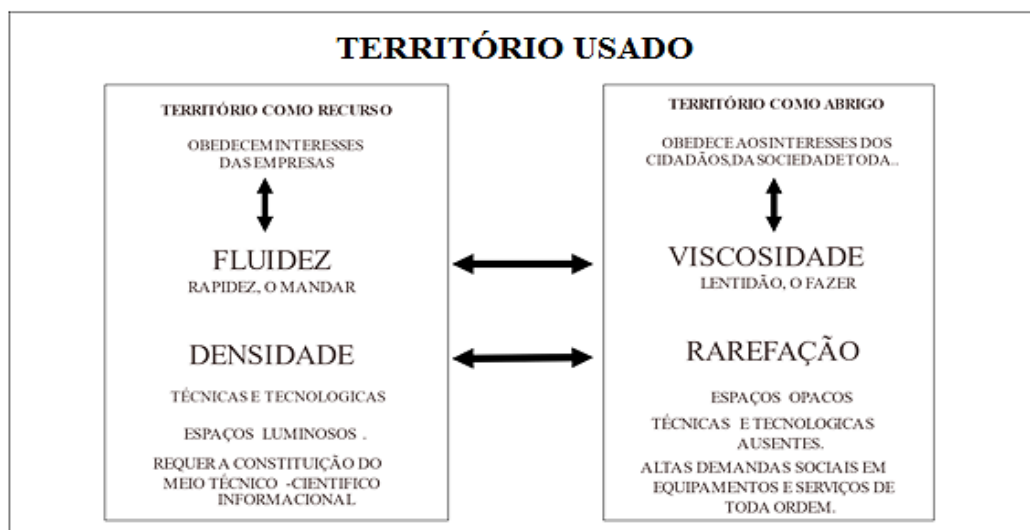
Esse processo crescente do mundo globalizado resulta em três impactos no espaço geográfico, sendo eles a sobreposição espaço-tempo, que ocorre devido ao acelerado fluxo material e imaterial do Meio Técnico Científico Informacional (MTCI), a unicidade de uma técnica para todo o planeta, que remete a influência econômica e política de países hegemônicos pelo mundo e por último, uma mais valia-mundial, resultante dos outros dois fatores (SOUZA, 2021).

A importância de levantar essa informação, é porque a partir disso podemos compreender como a globalização, de acordo com Santos (2000), prioriza o interesse intencional em detrimento de um território que poderia ser usado por todos. Portanto, quando Santos (*idem*) chama a globalização de “fábula”, é justamente por não constituir de fato um mundo onde todos fazem parte da “globalização”. No contexto dessa pesquisa, imigrantes haitianos também são vítimas desse processo, como destaca Castro (2014), quando cita que as ONGs recebem investimento de capital externo, e dessa forma, dá mais influência para os países hegemônicos do que para os próprios haitianos.

Como afirma Souza (2021), Milton Santos também trabalha com dois conceitos-chaves, que são de extrema importância para podermos compreender o uso do território. O primeiro conceito abordado é o de território como recurso, onde empresas multinacionais, com suas próprias normas, utilizam do território (que por teoria pertence a todos) para o seu interesse próprio, promovendo a exploração típica do capitalismo no mundo globalizado.

O segundo conceito é o de território como abrigo, ou seja, o território banal, àquele que pertence a todos, e como destaca Souza (2021) é um direito inalienável à existência. Dessa forma, o território como abrigo permite o uso do território por todos, e dentro da temática trabalhada, pelos imigrantes haitianos, ao contrário do que é oferecido pelo território como recurso. Na figura 07, é utilizada uma elaboração de Souza (2021) para melhor exemplificar as questões tratadas acerca do uso do território.

Figura 07: Território Usado de acordo com Milton Santos



Fonte: Souza, 2021

Dessa forma, Souza (2021) destaca que o espaço é uma “instância social”, e por isso, não podendo ser produzida, ou seja, a função de produção cabe ao território usado. Dessa maneira, ao contrário do que afirma Santos (1985), o espaço não pode ser produzido, e dessa forma, o uso do território constitui um conceito derivado, onde ele sim pode ser organizado, alterado, pois depende diretamente das dinâmicas da formação socioespacial.

Já o território usado depende das dinâmicas das formações socioespaciais – aqui Milton Santos vai além de Marx, de seu conceito de formação econômica e social. Aí está a genialidade de Milton Santos e o estatuto de ciência social rigorosa que ele atribui à Geografia. As pessoas são vítimas da sua inserção em uma classe social baixa que repercute onde e como elas vivem, moram: são historicamente determinadas (SOUZA, 2021, p. 103)

Além disso, Souza (*idem*) destaca que o lugar também é uma categoria de análise que está diretamente atrelada ao uso do território. Ao se compreender o lugar como “espaço do acontecer solidário”, ou seja, que remete ao sentido coletivo, de todos, e principalmente da realização do interesse coletivo, o uso do território como recurso acaba impedindo com que o significado de lugar seja posto a prática, já que os interesses hegemônicos não permitem o atendimento dos interesses da população. Sendo assim, o uso do território como abrigo remete ao real uso como um direito existencial e social, onde todos têm direito ao uso do território.

A ideia do interesse hegemônico pelo uso do território como recurso fica claro, pois como afirma Souza (2021),

Essa decisão sobre investimentos prioritários de todos os governos na constituição do “território como recurso” está na origem complexa dos processos de desigualdade socioespacial, característica fundamental da sociedade brasileira nesta atualidade. E

os governos insistem nessa perspectiva porque as suas análises e propostas se fazem sem a efetiva adoção do território usado como categoria de análise social, vale dizer, política. Os governos são setoriais, atuando em defesa dos interesses hegemônicos, e não territoriais, em defesa da população ali onde ela vive e usa seu território, que como já dissemos acima é condição essencial da existência. Isso é o território usado (SOUZA, 2021, p. 107).

A autora ainda afirma que todo uso nasce de um lugar (SOUZA, 2021), e, portanto, faz parte de um “espaço solidário”. Quando pensamos nessa perspectiva, cabe compreender que o lugar pertence a todos, porém o uso excludente gerado pela fluidez do capital no mundo globalizado causa exclusão de certos grupos, através da influência cultural e da mais-valia. Um exemplo dessa exclusão são os imigrantes haitianos, que enfrentam jornadas de trabalho e preconceitos por uma busca por melhores condições de vida que não encontravam em seu país. E novamente, essa falta de condições remete à influência hegemônica no uso do território.

É possível compreender como Souza (2021), ao trazer a discussão para urbanização no Brasil, esclarece que as políticas (outro elemento no uso do território), muitas vezes priorizam o capital em detrimento da necessidade dos brasileiros. Destaca que se inicia, portanto, a criação de espaços luminosos (modernização incompleta em direção à Amazônia meridional, onde ocorre um impulso no investimento econômico mundial) e opacos (como no caso do Nordeste, que encontra uma população necessitada de serviços básicos, por exemplo) no Brasil, impulsionado pelas políticas e limitações no uso do território.

O território como recurso em ação, em detrimento do território como abrigo, é o de todos os brasileiros, de todas as instituições e organizações, e não apenas das grandes empresas, que se valem da Constituição Federal apenas como norma para seus negócios e interesses, símbolo triste e constante do nosso pacto federativo (SOUZA, 2021, p. 113).

Cabe explicar, portanto, o que Santos & Silveira (2001) denominam como espaços densos, rarefeitos, luminosos e opacos. Dessa forma, a densidade do espaço, como afirmam os autores, não está relacionada somente com a questão numérica, pois remete a necessidade de uma análise mais profunda sobre tal densidade. Assim, afirmar através de números, apenas, a densidade de imigrantes haitianos em Andradas (MG) não nos permite compreender de fato o motivo de tal densidade.

A densidade deve deixar de ser apenas uma sobreposição de informações, e dessa forma, deve-se compreender que a densidade do espaço está diretamente ligada ao espaço quando analisamos a densidade de informação, mobilidade e técnicas (SANTOS &

SILVEIRA, 2001), que nos permite compreender como tal espaço se desenvolveu historicamente e qual seu papel no atual mundo globalizado.

Dessa forma, classificar um espaço como rarefeito é atribuir, justamente, uma escassez ou uma falta de desenvolvimento concreto de técnicas, informação e mobilidade. É possível identificar em países como o Brasil, espaços densos (como São Paulo, por exemplo), assim como espaços rarefeitos, como certas regiões do Nordeste.

Na realidade, o exame do território permite referir seja as densidades das coisas naturais (por exemplo, florestas, vegetação, forma de relevo etc.) e das coisas artificiais seja as próteses acrescentadas à natureza. O território mostra diferenças de densidade quanto às coisas, aos objetos, aos homens, ao movimento das coisas, dos homens, das informações, do dinheiro e também quanto às ações (SANTOS & SILVEIRA, 2001, p. 260).

Quando tratamos a questão dos espaços luminosos e opacos, acrescentamos um foco a esse debate à mobilidade. Para Santos & Silveira (idem), espaços luminosos são aqueles que concentram, ou seja, que acumulam uma densidade técnica e informacional, sendo atrativo para atividades que possuem enfoque no capital, tecnologia e organização. Desse modo, os espaços opacos seriam aqueles que não possuem essas mesmas estruturas.

Ao trazer essa questão para a migração, é importante lembrar que a Globalização, como afirma Santos (2000), está diretamente ligada à geração de uma competitividade criada pelo capital, e isso é causa de desemprego, pobreza, entre outros. Isso significa que a competitividade global acaba trazendo para certos países uma falta de estruturas que, para os habitantes, não podem ser sanadas.

A migração, portanto, está diretamente ligada à densidade tecnológica e informacional de um espaço (nesse caso, de um país) e, por isso, a estrutura presente em países luminosos (ou regiões luminosas em países opacos) acaba os tornando mais atrativos para imigrantes, que no caso dos haitianos, buscam por emprego, representando a mão de obra migrante saindo espaço rarefeito e opaco, buscando uma melhora na qualidade de vida nos espaços densos e luminosos.

É importante compreender, que apesar da constituição desse espaço opaco, onde ocorre falta de investimento e ausência do Meio Técnico Científico Informacional (ou aonde ele não chega com toda sua materialidade), é onde estão os homens lentos e pobres, que se encontram nessa situação pelo uso do território como recurso, levando o orçamento que deveria ser destinado a esses indivíduos, para as grandes empresas (agrícolas ou urbanas) e para as classes média e alta (SOUZA, 2021).

Esse uso do território excludente e seletivo que presenciamos no Brasil durante o atual período da globalização, remete, portanto, às políticas governamentais que cada vez mais remetem ao uso do território “para os que podem”, deixando de fora grupos como os imigrantes, por exemplo.

Outro interessante levantamento feito por Souza (2021), é que no território brasileiro, alguns vivem em partes regidas pelo uso do território como recurso, enquanto alguns vivem em partes regidas pelo uso do território como abrigo. Cabe destacar que os imigrantes haitianos, muitas vezes, se encontram no uso do território como recurso, onde possuem sua mão de obra explorada pela dinâmica do MTCL.

A privação das pessoas do uso do território, portanto, deve ser compreendido como uma privação de viver, de existir e também participar da vida social do território usado. Quando um país, estado ou até município não permite a inserção desses indivíduos, seja por falta de infraestrutura, seja por um uso do território como recurso, faz com que tais indivíduos não consigam usar o território, e não consigam determinar seu lugar.

Souza (2021) também faz uma interessante discussão acerca do regionalismo, e de como a região, na questão do planejamento (e conseqüentemente, no uso do território), é uma alternativa para melhor reger os usos do território, pois cada região do Brasil possui uma diferente necessidade, e dessa forma, precisa ser tratada de maneira a resolver esse problema.

Por outro lado, o governo territorial, ainda que com poder político regulado, dadas as circunstâncias atuais da história do Brasil, é profundamente pedagógico para a população, que passará a prestar mais atenção às suas necessidades e sem dúvida fiscalizará melhor o atendimento que lhe for oferecido pela distribuição dos equipamentos e serviços de interesse coletivo feito pelo setor público e mesmo privado. A população, é bom que se diga, é a principal orientadora do mercado (SOUZA, 2021, p. 129).

Discutir essa questão levantada pela autora remete justamente ao estudo do uso do território por imigrantes haitianos. Os problemas dos imigrantes haitianos não são resolvidos com investimentos externos ou aberturas de multinacionais no país. A falta do uso do território como abrigo, causada pela maneira com que o Estado lida com o território, faz com que esses imigrantes haitianos sintam uma exclusão nessa dinâmica, como será apontado mais adiante com Porto (2021).

Outra autora capaz de nos auxiliar na discussão do uso do território é Kahil (2021), que aborda a questão política no uso do território, levando em conta que a política, assim

como os elementos do uso do território, só acontece em um espaço de todos, um “espaço solidário”, em um uso territorial como abrigo (SOUZA, 2021).

Logo no início do texto, Kahil (2021) discute a existência de duas dimensões políticas, a horizontal e a vertical. A dimensão política vertical remete às ações políticas no espaço que são regidas pelo interesse hegemônico, ou como destaca a autora, pela competitividade em escala global (KAHIL, *idem*). Dessa forma, a dimensão horizontal destaca ações políticas no espaço que relaciona a vida cotidiana, contando a existência de todos, e não somente de alguns.

É evidente e necessário compararmos, portanto, a análise de Kahil (2021) com a de Souza (2021). Quando falamos sobre uso do território, a política está diretamente envolvida, pois ela rege a maneira com que o território será usado. Portanto, ao falarmos sobre uma dimensão política vertical, com um sentido de hierarquia, remetemos ao uso do território como recurso, citado por Souza (2021), onde o interesse político está voltado para atender à necessidade das grandes empresas, nacionais e multinacionais, e dos indivíduos que se encaixam na dinâmica gerada pelo MTCI. É possível, portanto, que o governo de Andradas (passados e atual), tenha ao longo da formação territorial do município, criado políticas para que o território ali fosse usado como recurso.

Assim, ao falar sobre horizontalidade das ações políticas, ou seja, não tratar as políticas de acordo com uma hierarquia, onde um indivíduo é mais importante e mais necessitado que outro, pois estão todos na mesma linha horizontal, se fala do uso do território como abrigo (SOUZA, *idem*). Para que realmente consideremos o uso do território como algo comum, de todos, é preciso compreender que os interesses políticos devem satisfazer as necessidades de todos, e não apenas dos que fazem parte da “fluidez” do mundo globalizado.

Para melhor retratar essa questão, Kahil (2021) discorre sobre outra categoria de análise, também tratada por Souza (2021), que é o lugar. Dessa forma, afirma a autora,

De um modo geral, o lugar é o espaço e o tempo em que vivo, onde tenho minhas referências, onde exerço o conjunto de minhas perspectivas e de minha história. Assim, o lugar é um processo concreto, um acontecimento do mundo, pertence ao mundo. O lugar no mundo não pode ser visto como um fato isolado, mas através dele podemos visar um estado do mundo, portanto algo de abstrato, parcialmente criado por nossa proposição. O próprio mundo é um processo imensamente complexo, o conjunto de todos os processos ou todos os acontecimentos do mundo (KAHIL, 2021, p. 44).

Quando compreendemos que o uso do território depende de uma existência prévia de um lugar (SOUZA, 2021), ou seja, um local com valor social e político coletivo (onde todos

podem fazer parte), compreendemos que cada vez mais o uso do território é um direito de todos, e dessa forma, cada vez mais se faz necessário ações políticas horizontais para que se alcance o uso do território como abrigo.

Contudo, como aponta Freitas & Porto (2021), a prefeitura de Andradas vem caminhando em um sentido contrário a essas políticas horizontais. Mesmo com a instalação dos imigrantes haitianos no município se dando principalmente a partir do ano de 2014, a prefeitura ainda não estipulou leis que atendessem as necessidades dos imigrantes haitianos. É possível identificar essa questão quando Freitas & Porto (*idem*) debatem como as fontes de informação do município (Secretaria de Educação, de Planejamento Urbano e Portal de Andradas), pouquíssimo sabiam sobre quaisquer informações acerca dos imigrantes haitianos.

Quando se analisa a pouca informação presente pela prefeitura, é possível compreender que o uso do território como abrigo não é uma prioridade. Para que o uso do território como abrigo se torne uma realidade, é necessário que todos tenham plena capacidade de usar o território, porém, ao serem deixados de lado pelas políticas municipais, esse grupo acaba se inserindo em um uso do território como recurso.

Portanto, Kahil (2021) afirma que, através da lógica global e lógica local, é que se produz um novo lugar, e dessa forma, um novo arranjo territorial, por meio do uso do território, como se pode identificar através da igreja por eles fundada em Andradas (MG), por exemplo. A constituição desses novos arranjos territoriais é um direito de todos os indivíduos, que muitas vezes é ofuscado pelo interesse do capital externo, potencializado pela globalização.

Outro importante aspecto levantado por Kahil (*idem*) é que,

O debate político só pode se dar à escala da nação. No âmbito da nação é que encontramos as instituições decisivas (território, cidadãos, Estado) que poderão ensejar transformações que assegurem a possibilidade deste povo brasileiro, em que pese ainda em formação, construir, encontrar o compasso de seu próprio caminho e quiçá influir no destino da humanidade (KAHIL, 2021, p. 45).

É indispensável associar o uso do território com as políticas e, principalmente, com o Estado. Os indivíduos, como imigrantes, por exemplo, não escolhem ser excluídos do concreto uso do território. Através de políticas, adotadas pelo Estado, esses indivíduos possuem seus interesses e necessidades colocadas de lado, sendo que tais interesses e necessidades são necessários para que possam usar o território de sua maneira. Por isso, destaca a autora que é necessária uma redistribuição do poder e de recursos, proposta

semelhante à da regionalização feita por Souza (2021), onde essa redistribuição permitiria atender aos problemas de cada região do Brasil e permitir o comum uso do território.

É preciso também entender, portanto, que a política, associada com a vontade do Estado, não pode somente atender ao interesse global, como acontece nos dias de hoje. Cada vez mais o território é sujeito ao uso como recurso, a ideologia dos países hegemônicos é implantada, através da cultura, por exemplo, excluindo cada vez mais aqueles que tentam fazer parte dessa dinâmica e não conseguem.

A total colonização da esfera política pela economia converte as empresas em atores políticos e o Estado, que nos fazem crer se fazer mínimo na economia, se faz mínimo é na política. Sob domínio da política feita pelo mercado global, que de certa forma existe somente como ideologia, como símbolo daquela esfera em que os atores são mesmo as empresas globais, o Estado obedece aos seus reclamos, adaptando e instrumentalizando o território rapidamente para melhor servir às necessidades de fluidez e competitividade das empresas (KAHIL, 2021, p. 49).

Como é destacado, um bom exemplo para compreendermos a questão da verticalidade e da horizontalidade, é a cultura. A influência de países hegemônicos vai além da política e economia, se estendendo para cultura, onde uma cultura adotada verticalmente coloca as características da cultura hegemônica em um patamar superior às demais, deixando de lado ou até causando preconceitos por aqueles que não as adotam (ou não as adotam por completo), como no caso dos imigrantes.

Por outro lado, a resistência a essa verticalização é a tentativa do uso do território como abrigo, movido por tentativa de enaltecimento cultural, que diferem da cultura hegemônica. Como afirma Kahil (2021), o hip hop e os hapers são um sinal dessa resistência, que busca cada vez mais demonstrar que o território, na verdade, é de uso comum. Esse evento, também destacado pela autora, intensifica a mistura internacional de povos, raças e religiões, que promovem aproximação e repudiam questões como xenofobia, tão sofrida pelos imigrantes (SANTOS, 2000 *apud* KAHIL, 2021).

Um bom exemplo do que foi citado acima, é a rádio Jovens Haitianos Progressistas Brasil (JHP), fundada por David Ossanto, fazendo 8 anos que está no Brasil, e inicia a rádio na cidade de São Paulo, justamente na intenção de auxiliar aos demais jovens imigrantes haitianos, a questão da inserção na sociedade brasileira, promovendo assim a cultura haitiana e permitindo um sentimento de pertencimento ao país de destino. Esses aspectos reforçam como o uso do território como abrigo e as políticas horizontais auxiliam na inserção e na proliferação da cultura desses imigrantes, que auxilia em sua instalação e uso do território.

Retornando ao Sul de Minas, um exemplo dessa resistência ao uso do território como recurso em Andradas (MG) é a presença da Igreja Pentecostal do Milagre Haitiano, fundada por Louis. A igreja, que prega cultos tanto em francês quanto em crioulo (FREITAS & PORTO, 2021) demonstra como através de sua cultura, conseguem usar do território de um modo mais próximo ao uso como abrigo.

Dessa forma, tanto o exemplo de David quanto de Louis servem para exemplificar o que discute Kahil (2021), onde a resistência não é apenas poderem manter características do uso do território de seu país de origem (como por exemplo, os cultos e as músicas), mas também resistirem ao uso do território como recurso, ou seja, não viverem apenas a custo do trabalho, da produção desenfreada capitalista, mas também terem chance de usar o território como abrigo, como válvula de escape da vontade do capital.

É possível, porém, identificar o uso do território (ou a tentativa) como abrigo, através de uma empirização do uso do território pelos imigrantes haitianos em Andradas (MG). Esses processos de usos se dão das mais diversas formas, porém se manifestam mais através de instituições, como por exemplo a Igreja Pentecostal do Milagre Haitiano, da qual Louis Delhomme Desinord, haitiano em Andradas desde 2014, é pastor e conduz cultos no município.

Outro exemplo disso foi a comemoração do Dia das Mães realizada pelos imigrantes haitianos em Andradas (ANTV, 2019). No último domingo de maio, os imigrantes haitianos comemoram esse feriado, e através da reunião para realização dessa atividade que é interpretado em suas línguas de origem (francês e o crioulo), esse grupo cria um lugar de interação entre eles, através de sua cultura, que resulta em um uso do território comum para todos ali presentes, ou seja, um uso do território como abrigo. Na Figura 08, é possível identificar o evento sendo feito, assim como a participação de vários haitianos.

Figura 08: Celebração do Dia das Mães pelos imigrantes haitianos em Andradas (MG).



Fonte: ANTV, 2019.

Também é interessante mencionar outro caso possível de se identificar em Andradas. No município, é cultivado pela comunidade haitiana, mas principalmente por Emanuel Neleveil, o feijão Guandu, que de acordo com eles, é uma plantação recorrente no Haiti, podendo ser preparado de diversas maneiras. O terreno utilizado por Emanuel é da prefeitura, que no momento por não estar sendo utilizado, é o local do qual cultivam esse feijão.

A importância do caso de Emanuel está no entendimento de que, através da plantação de feijão, esse haitiano constitui um lugar, onde tanto haitianos quanto andradenses estabelecem relações sociais. Dessa maneira, ocorre o uso do território, e como o próprio Emanuel afirma, aqueles feijões são para todos que quiserem pegar, sendo assim, é um uso do território comum, remetendo novamente ao uso do território como abrigo. Na Figura 09, podemos ver Emanuel e Ciane Censi, haitiana e dona de casa, que juntamente de Emanuel cuidam da plantação do feijão Guandu.

Figura 09: Emanuel Neleveil e Ciane Censi colhendo o feijão Guandu.



Fonte: ANTV, 2020.

De tal maneira, Porto (2021) reforça como o território usado não tem uma formação dissociada, e sim envolve uma série de questões. Reforçando o que já foi tratado por Souza (2021), destaca Porto (*idem*) que o território é usado por empresas nacionais e multinacionais, homens e mulheres, que em todos os níveis sociais, agem no meio socioespacial, no chamado de espaço banal, o espaço de todos (PORTO, 2021). Desse modo, o território é múltiplo, possuindo diversos recursos, desde riquezas até uma forma de abrigo para necessitados, como os refugiados, a título de exemplo.

Ao ser usado por firmas, empresas globais e instituições diversas, o território é um recurso disponível para a produção de riquezas, ao passo que ao ser usado pelos homens e mulheres lentos, pelos “de baixo”, pelos pobres e pelos migrantes que buscam melhoria de vida em outros países, o território se constitui em abrigo. Ou seja, de um lado o território pode ser considerado como recurso, e de outro como abrigo, conforme destacou Santos (2000) alicerçado nas ideias do geógrafo francês Jean Gottman (PORTO, 2021, p. 12).

Quando descrevemos o trajeto feito por imigrantes haitianos para sua chegada ao Brasil, as diferentes rotas e diferentes possibilidades para entrada no país, buscamos exemplificar que todo o processo migratório consiste em um vasto uso do território. Ao buscar abrigo ou melhores condições de vida, esses imigrantes haitianos entram em contato com o território, e através de suas relações sociais, culturais e econômicas com os indivíduos

e com o espaço propriamente dito, fazem uso do território (PORTO, 2021). Dessa maneira, o estudo de migração e uso do território é indissociável.

Porém, como aponta Porto (*idem*), a motivação para esse trajeto socioespacial feito pelos imigrantes se dá principalmente pela negação do uso do território em seus países de origem, principalmente nos casos de refúgio. É necessário também compreender que o uso do território também está ligado à capacidade que o país tem de oferecer amplo uso do território. Dessa forma, pessoas em condições precárias sentem que o país de origem não pode oferecer plena capacidade de uso do território para atingir a satisfação de suas necessidades ou mesmo viver com segurança, como os refugiados e asilados.

[...] o uso do território nos países de origem não se caracteriza pelo risco de uma interrupção ao uso do território, por conta do risco de morte, mas o território usado nessas sociedades não garante a satisfação das necessidades almejadas pelos migrantes. São necessidades de estudo, trabalho e consumo que almejam conseguir nos países de destino. É provável que identifiquem em suas localidades de origem a impossibilidade de usar o território de maneira cidadã e sem conflitos (PORTO, 2021, p 13).

Porto (2021) também identifica um interessante ponto. O uso do território no Brasil, portanto, deveria atender as necessidades dos imigrantes haitianos, ou seja, deveria dar total possibilidade de uso do território para os mesmos, mas como apontou o autor, muitos imigrantes que vem para o Brasil (não somente haitianos), reclamam da dificuldade de inserção no território brasileiro.

É preciso compreender que as dificuldades trazidas ao do território estão diretamente ligadas às questões políticas também, e desse modo, as políticas brasileiras em relação aos imigrantes torna mais ou menos difícil o acesso ao uso do território. Um exemplo citado por Porto (2021) é a dificuldade de conseguir a documentação por esses imigrantes, que torna sua vida no Brasil e seu uso do território, limitado.

Outro importante fator levantado por Porto (*idem*), é a questão relacionada à discriminação étnico-racial e o uso do território. O uso do território depende completamente da inserção do indivíduo tanto nas relações do próprio território quanto nas relações sociais do mesmo. Dessa forma, racismo e xenofobia se tornam empecilhos para que o território usado de fato seja concretizado. Infelizmente, isso é algo recorrente na vida dos imigrantes haitianos, sendo que muitos relatam sentir os primeiros sinais de preconceito quando chegam ao Brasil.

Porém, como ressalta Porto (*ibidem*), é de extrema relevância reconhecer que os imigrantes haitianos, ao se depararem com tantos obstáculos, criam suas próprias maneiras de usar o território. Como aponta o autor, as maneiras que encontram para driblar tais obstáculos, são através de criação de empresas, instituições como as igrejas evangélicas e associações, que permitem que usem o território, apesar das situações adversas que lhe são impostas. Isso é um exemplo das horizontalidades, que marcam o uso do território como abrigo, característica apresentada na figura 7.

Para passarmos a discussão para o uso do território por imigrantes haitianos em Andradas (MG), devemos manter o pensamento que, mesmo em territórios usados como recurso (que é recorrente no Brasil), como aponta Porto (2021), esses imigrantes haitianos criam resistências, ou seja, criam suas próprias maneiras de usar o território, que vão contra o que é empregado pela cultura imposta pelos países hegemônicos e, dessa forma, os permite chegar cada vez mais próximos do território usado como abrigo.

Ao pesquisar sobre a qualidade de vida dos imigrantes haitianos no município de Andradas (MG) foi possível compreender, portanto, como as políticas adotadas pelo município incluem ou excluem esses imigrantes haitianos, se o governo municipal dá condições de fato para que usem o território de maneira cidadã. Um dos dados levantados pelos autores é o da moradia, onde muitos dos haitianos que migram para Andradas acabam morando em moradias coletivas, para evitar gastos excessivos e enviar remessas para suas famílias. Identificou-se também que nas políticas de governo, não foram encontradas especificidades que atendessem as necessidades desses migrantes e suas famílias. (FREITAS & PORTO, 2021).

Essa questão pode claramente auxiliar-nos a compreender como, no dinamismo da globalização e da fluidez do Meio Técnico Científico Informacional, as remessas são mais valiosas do que a própria condição de vida do trabalhador. Essas condições, associadas à estrutura do trabalho por imigrantes haitianos em Andradas (MG), nos remete justamente à questão do uso do território como recurso.

Além disso, outra variável que cabe ser discutida é a educação. Como aponta Freitas e Porto (*idem*), a Secretaria de Educação de Andradas não possuía ciência do número de imigrantes haitianos que ingressaram na Educação de Jovens e Adultos (EJA), já que os primeiros que chegavam eram homens adultos, que buscavam terminar seus estudos. A falta desse número nos faz questionar, como sabem da necessidade desses imigrantes haitianos, se nem mesmo possuem o controle do número de estudantes.

Essa pergunta, portanto, ressalta um argumento levantado por Souza (2021), onde o uso do território, voltado para o uso de empresas nacionais e internacionais, assim como o favorecimento de investimentos para classe média e alta, faz com esses indivíduos que não fazem parte da fluidez do mercado não apareçam nem sequer, nos dados da prefeitura. A importância de compreender isso, é para entendermos que o uso do território como abrigo não é uma realidade almejada pela prefeitura do município de Andradas.

Dessa forma, a última variável tratada pelos autores nos exemplifica ainda mais a questão acima. A relação entre saúde e trabalho também faz parte do uso do território. Muitos preferem não faltar ao trabalho para exames de rotina, justamente para não perderem um dia de trabalho. Porém, também deixam de fazer atividades de lazer como futebol, justamente para evitar machucados que os impeçam de trabalhar (FREITAS & PORTO, 2021).

Quando dizemos o termo “limitação” para o uso do território, nos referimos a isso. Quando o território é usado como recurso, em detrimento de um uso do território para todos, alguns indivíduos como os imigrantes haitianos se limitam a apenas certas interações, para que justamente não deixem de fazer parte desse uso do território como recurso, que no mundo globalizado, faz com que as pessoas cada vez mais dependam do capital.

Por isso, quando Porto (2021) afirma que os imigrantes internacionais e refugiados lidam com situações de limitação ao uso do território, criam suas próprias maneiras e estratégias de usarem o território. Infelizmente, essas limitações não são apenas no trabalho em si. Política, cultura, lazer, economia, todas essas questões, quando inseridas em políticas verticalizadas (KAHIL, 2021), em uso do território como recurso (SOUZA, 2021), fazem com que o imigrante haitiano não seja capaz de usar de maneira completa, ou seja, da maneira com que bem querem o território.

Mas se o lugar antecede ao uso do território e é formado por todos, por que ocorre essa fragmentação do uso do território? Justamente pois a não existência de políticas promovidas pela prefeitura de Andradas para atender a esse grupo demográfico, acaba fazendo com que eles não sejam introduzidos completamente na dinâmica socioespacial de Andradas, embora não estejam inertes diante dessa situação.

Uma das maneiras de resistência e tentativa de inserção no uso do território pelos imigrantes haitianos, é a criação de instituições, como as igrejas evangélicas. Como mostra Freitas e Porto (2021), o caso de Louis destaca como essas instituições auxiliam na inserção do imigrante haitiano no território andradense.

Ainda em relação ao uso do território, cabe ressaltar o papel que têm os templos religiosos nesse processo. Instituições como a Igreja Pentecostal, por exemplo, ou como dito por Louis durante a entrevista, as diferentes igrejas pentecostais montadas pelos haitianos, fazem com que eles se locomovem e frequentem locais onde realmente acontecem reuniões e relações entre eles e os demais habitantes do município, que não aconteceriam caso elas não se apropriassem desses lugares (FREITAS & PORTO, 2021, p. 6).

Essa informação é essencial para compreendermos como, apesar das dificuldades apresentadas no uso do território pela gestão feita pelo próprio município, os imigrantes haitianos ainda encontram maneiras de usar o território e expandirem para o restante do município, sua cultura, sua história, entre outros. Isso faz com que cada vez mais eles tenham o mais próximo possível de uma experiência de território como abrigo. A interação cultural dos imigrantes haitianos os aproxima dos andradenses e possibilita cada vez mais seu uso do território.

Também é necessário fazer um esforço para que possamos compreender o uso do território como recurso e o uso do território como abrigo, em certas ocasiões, ocorrem juntos. Para melhor compreendermos essa questão, é preciso olhar de uma maneira geral, como ocorre o uso do território em Andradas (MG). O município possui uma grande produção de biscoitos, por conta das fábricas que produzem esse bem, muito presentes no município, e que são reconhecidas por toda região. A produção de rosquinhas necessita de uma quantidade considerável de mão de obra, que no caso, não vem apenas dos Andradenses.

Como afirmou Louis Delhomme Desinord, em uma entrevista informal conduzida no de 2020, as fábricas de rosquinhas de Andradas (MG) empregam uma grande quantidade de mulheres haitianas, que trabalham no setor produtivo. De acordo com Louis, algumas haitianas reclamam de certos preconceitos sofridos por serem haitianas, assim como uma jornada muito exaustiva de trabalho.

O grande número de fábricas de rosquinhas em Andradas (MG) remete, portanto, a um incentivo municipal para essa produção, visando o lucro que pode oferecer para cidade, tanto na produção quanto no turismo por exemplo, pois o fato de ser referência na produção de rosquinhas acaba atraindo pessoas para o município. Dessa forma, compreendendo que existe uma jornada exaustiva de trabalho e preconceito, é fato que a prefeitura de Andradas (MG) faz, através de políticas verticalizadas, um uso do território como recurso.

Porém, mesmo com o uso do território como recurso, esses imigrantes haitianos ainda fazem seu uso do território como abrigo. Isso é possível através da relação que possuem com sua cultura, pois através dela conseguem se inserir na dinâmica social andradense, e através

de instituições como a Igreja anteriormente citadas, conseguem uma chance de usar o território, dessa forma, como abrigo.

É necessário também apontar outra questão levantada por Freitas & Porto (2021), onde afirmam que, no Plano Diretor de Andradas aprovado em 2017, não constava sequer uma menção a imigrantes ou refugiados. Ou seja, em um município onde se consegue identificar um claro aumento do número de imigrantes haitianos (com aumento significativo a partir de 2014), um Plano Diretor apresentado em 2017 não apresentar nenhuma menção a esses grupos, remete um desinteresse do município.

Essa falta de preocupação com os imigrantes haitianos pela prefeitura de Andradas implica na questão do uso do território. Como afirma Souza (2021), é necessário que políticas públicas atendam às diferentes necessidades do território brasileiro. Isso se aplica também a políticas municipais, onde tais políticas precisam atender as necessidades dos diferentes grupos que habitam neste município. O fato dos imigrantes não estarem inseridos no Plano Diretor, remete a um uso do território como recurso, onde a prefeitura não mostra interesse na inclusão de todos os indivíduos no uso do território.

Por isso, é preciso compreender que apesar do uso do território como recurso estipulado pela prefeitura andradense, a maneira com que os imigrantes haitianos interagem entre si e com os andradenses através de sua cultura e religião, faz com que se aproximem cada vez mais do uso do território como abrigo, que implica em um uso do território que envolve a todos. Assim, mesmo inseridos na dinâmica capitalista da produção, onde a verticalização é presente, ainda são capazes de encontrar meios horizontais, logo de produzir horizontalidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, o fenômeno da migração está relacionado a diversos fatores, e assim, não é possível atribuir a migração a apenas um motivo. Assim, cada migrante possui diferentes motivos para sair de seu país de origem, e que é notável como a Globalização fez com que esse movimento aumentasse ainda mais, como descrevem Santos (2000) e Martine (2005).

A migração internacional, portanto, está diretamente atrelada às condicionantes migratórias, onde esse fluxo migratório varia de acordo com cada grupo e com as condicionantes nacionais e internacionais impostas a esses migrantes. Também se constatou que, em um contexto geral, a migração para o Brasil vem sendo um grande foco dos movimentos no século XXI.

No terceiro capítulo, foi abordado a questão socioespacial haitiana, buscando compreender através da formação histórica do Haiti e de sua atual estrutura, motivações para a migração desse grupo. Também, nesse capítulo buscou-se compreender de maneira mais sucinta, a chegada dos imigrantes haitianos no Brasil, desde sua trajetória até a sua inserção no país.

No capítulo quatro é perceptível que a vida levada pelos imigrantes haitianos em seu país de destino está diretamente ligada, portanto, à questão do uso do território. Cada vez mais é perceptível que, pela dificuldade por eles enfrentada ao usar o território dignamente, é necessário que criem suas próprias maneiras de usar o território andradense. Essa dificuldade está diretamente atrelada às políticas verticalizadas do uso do território como recurso.

Cada vez mais o fluxo migratório de haitianos no Brasil aumenta, e tendo isso em mente, a necessidade de políticas públicas que atendam as demandas desses imigrantes haitianos se faz cada vez mais importante. A inserção social desse grupo está diretamente ligada com as leis estabelecidas pelo Estado, que deveriam cada vez mais direcionar o uso do território como abrigo.

Porém, mesmo com as dificuldades encontradas, como afirma Porto (2021), o uso do território por esses imigrantes ainda acontece. Em meio às difíceis condições para o uso do território, eles encontram maneiras de se inserir no uso do território, através das igrejas, rádios, empresas, entre outros, que tornam o uso do território como abrigo possível pelos imigrantes haitianos.

Destaca-se que ao tratar da migração internacional neste momento de crise, a globalização, assim como o MTCI descrito por Milton Santos, condicionam uma gama de problemas quando se trata do uso do território. Aqueles que são considerados partes da viscosidade, da lentidão, dos homens e mulheres trabalhadoras, ficam de fora quando o uso do território como recurso é favorecido. Assim, cada vez mais as políticas verticais favorecem esse tipo de uso.

Mas também é notável que, mesmo apesar dessas condições, os imigrantes haitianos fazem uso do território, pois através da sua cultura e relações sociais, conseguem se inserir no território andradense. Isso fica claro quando, mesmo inseridos em uma dinâmica trabalhista excludente, onde muitos preferem deixar o lazer de lado para não correrem o risco de perderem um dia de trabalho, ainda sim conseguem fazer parte das igrejas, por exemplo. Isso é um sinal de que o uso do território por esses imigrantes haitianos progride para um uso do território como abrigo, ou seja, como um direito de todos, e não só das empresas.

Considera-se ao final desta pesquisa, que é preciso continuar pesquisando sobre o uso do território pelos imigrantes internacionais no Brasil. Desse modo, espera-se pesquisar essa situação em outros municípios brasileiros, sobretudo nas grandes cidades como São Paulo, onde a extensão da capital permite diversificação dos usos do território e dos agentes que usam esse território, entre eles, os imigrantes haitianos.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVIM, Ana Márcia Moreira. **Atlas Digital da Migração Internacional em Minas Gerais**. Observatório de Migração Internacional do Estado de Minas Gerais (OBMINAS), 2018.

ANTV. **Associação dos Haitianos celebra o Dia das Mães no Brasil**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8i8uTR0MwZY&ab_channel=TVAndradas-ANTV>. Acesso em 08 de dezembro de 2021.

_____. A comunidade haitiana de Andradas faz o cultivo do feijão guandu. **Disponível em:** <<https://www.tvandradas.com.br/2020/06/26/comunidade-haitiana-de-andradas-faz-o-cultivo-do-feijao-guandu/>>. Acesso em 08 de dezembro de 2021.

BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta. **Migração de crise: a migração haitiana para o Brasil**. Revista Brasileira de Estudos da População, Ed. 34, 2017.

BECKER, Olga Schild. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. In: Castro, Iná Elias de et al. **Explorações geográficas**. Percursos no fim do século, Rio de Janeiro, Bertand, 1997, p. 319-367.

BRASIL. **Projeto de Lei do Senado Nº 288, de 2013 - Lei de Imigração**. Senado Federal, Brasília - DF, 2013.

BRASIL. **Decreto Nº 9.199, de 20 de novembro de 2017 - Lei de Imigração**. Senado Federal, Brasília - DF, 2017.

BRITANICA. **Informações acerca do Haiti**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/Haiti>>. Acesso em 18 de novembro de 2021.

CÂMARA, Átila Rabelo Tavares. **Fluxos Migratórios Para o Brasil No Início Do Século XXI: Respostas Institucionais Brasileiras**. Universidade de Brasília, 2014.

CASTRO, Renan F. **A Migração Haitiana Para o Brasil: Perspectivas de um Fluxo Migratório Recente**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Alfenas, 2014.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu; TONHATI, Tânia (Orgs.) **A Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro**. Brasília: Cadernos do Observatório das Migrações Internacionais, 2014.

CNN BRASIL. **Em 2010, terremoto de magnitude similar matou mais de 200 mil pessoas no Haiti**. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/em-2010-terremoto-de-magnitude-similar-matou-mais-de-200-mil-pessoas-no-haiti/>>. Acesso em 4 de janeiro de 2022.

DAMIANI, Amélia. **População e Geografia**. Editora Contexto, ed. 7, São Paulo, 2002.

FERREIRA, Ricardo Hirata. **As Migrações Internacionais na Geografia**. Tese de Doutorado: “Migrações Internacionais: Brasil ou Japão. O movimento de inserção do dekassegui no espaço geográfico pelo consumo”, Universidade de São Paulo, 2007.

FERNANDES, Duval. **O Brasil e a migração internacional no século XXI – notas introdutórias**. Ministério Público do Trabalho, Brasília, 2015.

FERNANDES, Duval, CASTRO, Maria C. G. **Projeto “Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral”**. PUC Minas, Belo Horizonte, 2014.

FREIRE, Sabrina. **Haitianos são o maior grupo de imigrantes no mercado de trabalho brasileiro**. Disponível em: <www.poder360.com.br/economia/haitianos-sao-maior-grupo-de-imigrantes-no-mercado-de-trabalho-brasileiro/>. Acesso em 12 de novembro de 2021.

FREITAS, João Vitor; PORTO, Gil Carlos Silveira. Qualidade de Vida e Uso do Território por Imigrantes Haitianos no Município de Andradas (MG). **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Três Lagoas** - v. 1, nº 34, 2021, p. 415-438. DOI: <https://doi.org/10.55028/agb-tl.v1i34.14968>. Acesso em: 07 fev. 2022.

FREITAS, João Vitor. **Qualidade de vida e Uso do Território dos Imigrantes Haitianos no município de Andradas (MG)**. Relatório Final de Iniciação Científica. Universidade Federal de Alfenas, 2021.

GOVERNO DO BRASIL. **Tropas de paz das Forças Armadas passam por inspeção da ONU**. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/justica-e-seguranca/2021/07/tropas-de-paz-das-forcas-armadas-passam-por-inspecao-da-onu>>. Acesso em 4 de janeiro de 2022.

HAESBAERT, Rogério. **Múltiplos Territórios de Memória**. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

HAESBAERT, Rogério; BÁRBARA, Marcelo de Jesus Santa. **Identidade e Migração em Áreas Transfronteiriças**. *GEOgraphia*, v.3 nº 5, 2009, 33-46.

IBGE. **Informações sobre o Haiti**. IBGE países, disponível em:<<https://pais.es.ibge.gov.br/#/dados/haiti>>. Acesso em 19 de novembro de 2021.

_____. **Informações sobre o Brasil**. IBGE países, disponível em:<<https://pais.es.ibge.gov.br/#/dados/brasil>>. Acesso em 19 de novembro de 2021.

ITO, Claudemira Azevedo. **Reflexões Sobre as Migrações Internacionais**. Universidade Estadual Paulista - UNESP Presidente Prudente, 2008.

JESUS, Alex D. **Redes da Migração Haitiana no Mato Grosso do Sul**. Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.

KAHIL, Samira Peduti (org.) et al. **O Tamanho do Brasil: território de quem?** São Paulo: Editora Max Limonad, novembro, 2021.

MACEDO, Cláudia Adriana. **Imigrantes Haitianos no Brasil: trajetórias e perspectivas**. Editora Dialética, 1ª Ed; 2020.

MARTINE, George. **A Globalização Inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21**. SÃO PAULO EM PERSPECTIVA, v. 19, n. 3, p. 3-22, jul./set. 2005.

MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL, Rosangela Aparecida Medeiros. **O Lugar como uma Construção Social**. Revista Formação, n^o 14 volume 2 – p. 48-60, 2007.

NETTO, José Paulo. **Introdução Ao Estudo Do Método De Marx**. Editora Expressão Popular, 1^a Ed, São Paulo, 2011.

PATARRA, Neide Lopes. **Migrações Internacionais de e para o Brasil Contemporâneas: volumes, fluxos, significados e políticas**. SÃO PAULO EM PERSPECTIVA, v. 19, n. 3, p. 23-33, jul./set. 2005.

PORTO, Gil Carlos Silveira. **Evolução da Rede de Localidades Centrais na Bahia nos Séculos XIX e XX: permanências, complexidades e amadurecimentos**. Tese de Doutorado, Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, p. 39-47, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/IGCC-9NBQ9P> Acesso: 13 out 2021.

_____. Trajetórias Socioespaciais de Migrantes Internacionais e Território Usado no Brasil no Período Atual. **ANAIS... XIV Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia**, 2021. DOI: 10.13140/RG.2.2.31813.73442. Acesso em 05 nov 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ANDRADAS. **Plano Diretor de Andradas (MG)**. Disponível em: <<https://www.andradas.mg.gov.br/downloadsOficiais/124-planodiretor-leicomplementar176de18maiode2017.pdf>>. Acesso em 26 de outubro de 2020.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território E Sociedade No Início Do Século XXI**. Rio De Janeiro Record, 2001.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo, 1988.

_____. **Por uma outra Globalização**. Editora Record. Rio de Janeiro, São Paulo, 2000.

_____. **Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia à geografia crítica**. Edusp. São Paulo, 2004.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Edusp, São Paulo, 2009.

SILVA, Gerardo; CORSINI, Leonora. **A Diáspora Haitiana, Territorialidades e Conflitos**. XIII ENANPEGE, São Paulo, 2019.

SINGER, P. **Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo**. In: MOURA, H. (Org.). Migração interna: textos selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, p. 31-47, 1980.

SOUZA, Maria Adélia. A. **Território Brasileiro: Usos e Abusos**. Edições Territorial, Campinas, 2003.

_____. **A Palavra e o Conceito 1.** Canal no Youtube, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tCUGyyfrxa0>>. Acesso em 16 de março de 2021.

_____. **A Palavra e o Conceito 2.** Canal no Youtube, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=61OskdDT00A>>. Acesso em 16 de março de 2021.

_____. **A Palavra e o Conceito 3.** Canal no Youtube, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JsZiMsrFCtY>>. Acesso em 16 de março de 2021.

TORELLY, Marcelo, et. al. **Visões do Contexto Migratório no Brasil.** Brasília: Organização Internacional para as Migrações, Agência das Nações Unidas Para as Migrações, 2017.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. **Aspectos Gerais da Dinâmica Imigratória no Brasil no Século XXI.** Seminário “Migrações Internacionais, Refúgio e Políticas”, São Paulo, 2016.

UEBEL, Roberto R. G; RUCKERT, Aldomar Arnaldo. **Aspectos gerais da dinâmica imigratória no Brasil no século XXI.** Open Edition Journals, nº 31, 2017.

UNIFAL. **II Colóquio sobre Migrações e Espaço Geográfico.** Programa de Pós-graduação em Geografia UNIFAL-MG, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H8cQI-SrsbU>>. Acesso em 22 de janeiro de 2020.

PROJETO DA MARÉ AO LUAR. **"Memórias e Trajetórias de Imigrantes" - David Ossanto.** Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CMqF5tpnMIQ/>>. Acesso em 22 de outubro de 2021.